

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO**

ALESSANDRA PEREIRA WERLANG

**PRÁTICAS CIBERNÉTICAS DE RECODIFICAÇÃO DO SEXO:**  
Experimento e análise a partir da *hashtag* “Free the Nipple” no Instagram

PORTO ALEGRE  
2018

ALESSANDRA PEREIRA WERLANG

**PRÁTICAS CIBERNÉTICAS DE RECODIFICAÇÃO DO SEXO:**  
Experimento e análise a partir da *hashtag* “Free the Nipple” no Instagram

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do diploma de Bacharel em Jornalismo.

**Orientador:** Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva  
**Coorientador:** Ms. Mario Alberto Pires de Arruda

PORTO ALEGRE  
2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado “Práticas cibernéticas de recodificação do sexo: experimento e análise a partir da *hashtag* ‘Free the Nipple’ no Instagram”, de autoria de Alessandra Pereira Werlang, estudante do curso de Jornalismo, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 13 de junho de 2018

Assinatura:

Nome completo do orientador: Alexandre Rocha da Silva

ALESSANDRA PEREIRA WERLANG

**PRÁTICAS CIBERNÉTICAS DE RECODIFICAÇÃO DO SEXO:**  
Experimento e análise a partir da *hashtag* “Free the Nipple” no Instagram

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do diploma de Bacharel em Jornalismo.

**Orientador:** Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva

**Coorientador:** Ms. Mario Alberto Pires de Arruda

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva - UFRGS  
Orientador

---

Ms. Mario Alberto Pires de Arruda - UFRGS  
Coorientador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Reinhardt Piedras - UFRGS  
Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Paula Coruja da Fonseca  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

São vários os atravessamentos que me ajudaram a materializar este trabalho. Infelizmente, tão numerosos que não cabem em formato A4 e fonte Times tamanho 12. Porém consigo listar aqui alguns encontros fundamentais desses 22 anos e meio de existência para a formação de quem eu sou hoje.

Agradeço a minha família pelo diálogo e intensa convivência. Nossos encontros, e mais do que isso, nossos desencontros instigaram meu pensamento crítico. Devo a eles, e principalmente aos meus pais Cláudia e Eduardo, a minha capacidade de ter empatia, compreender e questionar. Foram os momentos de discórdia - sempre acompanhados de amparos carinhosos - que mais me desafiaram a me tornar quem eu sou.

Agradeço aos meus colegas de escola e amigos para toda a vida pelo imenso apoio. Já colecionamos histórias dignas de filmes! Foram todos esses momentos de alegria que aliviaram a tensão dos trabalhos e deram mais sentido à essa passagem pela Terra.

Agradeço aos colegas fabicanos pelo acolhimento antes mesmo dos primeiros dias de aula. Vocês foram parte fundamental da minha permanência na faculdade. Agradeço também aos meus companheiros de gestão do DACOM. Nossas reuniões em períodos de férias me fizeram entender que a graduação vai muito além das salas de aula. Também não posso esquecer dos que organizaram antes de mim, junto comigo e aos que se dispuseram a levar o projeto da Semana da Diversidade Sexual e de Gênero da Fabico à diante. Vocês participam de um movimento de abertura ao outro que fui capaz de experienciar já no primeiro ano de graduação.

Agradeço a Marília, minha companheira em todos esses momentos, pelo amor incondicional. Você foi parte essencial em meu amadurecimento, me deu suporte e tornou minha vida mais leve. Obrigada por me receber com tanto carinho no seu mundo.

Por fim, agradeço ao meu orientador Alexandre, minha referência durante a graduação. As aulas de Teorias da Comunicação me instigaram e foram o empurrão necessário para me aventurar pela Iniciação Científica. Ao meu coorientador Mario por acreditar ainda mais do que eu neste trabalho e me dar o impulso para concluí-lo, além de todos os integrantes do GPESC por serem peças-chave no fomento das ideias expressas nesta monografia. As trocas que fiz nesse espaço me proporcionaram reflexões que não se encerram aqui. Obrigada Caio, Luiza e Suelem pelo companheirismo nos congressos e pelo suporte para enfrentar a academia.

## RESUMO

Neste trabalho investigamos os agenciamentos produzidos pela rede social Instagram, tendo como objeto de pesquisa a censura do aplicativo sobre as imagens publicadas pelos usuários com a *#freethenipple*. O estudo da estrutura das redes sociais foi necessário para compreender como, e se, os movimentos estético-políticos online como “Free the Nipple” contribuem para explicitar possíveis tensões semióticas na codificação dos corpos. O número alto de postagens associadas a essa *hashtag* aconteceu após o lançamento o filme “Free the Nipple” de Lina Esco, que foi censurado na internet por expor mulheres seminuas. Começamos nos aprofundando na estrutura das redes sociais, observando seu terreno como ambiente de controle modular a partir das concepções de Deleuze (1992) e Parisier (2012). Depois desenvolvemos uma metodologia experimental para observar as ações do Instagram sobre as imagens publicadas. Por fim, nos apropriamos das teorias *queer* e feministas, com abordagens a partir de Preciado, Butler, Scott entre outros autores, para aprofundar nossa análise sobre o corpo como terreno de disputas de significados e entender como estes são afetados e afetam outras estruturas como a internet. Em um terreno tão mutável como a internet, a metodologia da Teoria Fundamentada foi utilizada para guiar todo o trabalho. A utilização dessa metodologia nos deu liberdade para incorporação da netnografia e da pesquisa experimental. Este trabalho serve como aporte para pensar as redes sociais online como ambientes modulares e suas estruturas como codificadoras de corpos.

**PALAVRAS-CHAVE:** semiótica; Free the Nipple; Instagram; redes sociais online; gênero.

## ABSTRACT

In this work we intend to investigate the assemblages produced by the social network Instagram, having as research object the censorship of the Instagram on the images published by the users with the *#freethenipple*. The study of the structure of social networks was necessary to understand how, and if, the aesthetic-political movements online like "Free the Nipple" contribute to explain possible semiotic tensions in the codification of the bodies. The high number of posts associated with this *hashtag* came after the release of Lina Esco's "Free the Nipple" movie, which was censored on the internet for exposing women half-naked. We begin by deepening the structure of social networks, observing its terrain as a modular control environment from the conceptions of Deleuze (1992) and Parisier (2012). Then we developed an experimental methodology to observe the actions of the Instagram on the published images. Finally, we appropriate *queer* and feminist theories to deepen our analysis of the body as a ground for meaning disputes and to understand how they are affected and affect other structures such as the internet. In a field as changeable as the Internet, the Grounded Theory methodology was used to guide all work. The use of this methodology gave us freedom to incorporate netnography and experimental research.

**KEYWORDS:** semiotics; Free the Nipple; Instagram; online social networks; gender.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Print Screen's da primeira e da segunda tela de busca no Instagram pela <i>#freethenipple</i> .....	26
Figura 2 - Mensagem ao final da busca por <i>#freethenipple</i> .....	28
Figura 3 – Print Screen da imagem publicada na conta do Instagram.....	32
Figura 4 e 5 – Print Screen's dos alertas de remoção da imagem e desativação da conta.....	33
Figura 6 – Print Screen do novo perfil do Instagram e as imagens postadas.....	34
Figura 7 – Print Screen dos Padrões de Comunidade do Facebook.....	51



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 CONTROLE E CENSURA NAS REDES SOCIAIS.....</b>	<b>16</b>
2.1. NETNOGRAFIA DA REDE SOCIAL INSTAGRAM.....	20
2.2. MOVIMENTO “FREE THE NIPPLE”.....	24
<b>3 EXPERIMENTAÇÕES NO INSTAGRAM.....</b>	<b>31</b>
3.1. CONSTRUINDO HIPÓTESES.....	31
3.2. OPERACIONANDO AS VARIÁVEIS.....	32
3.3. INTERPRETANDO OS DADOS.....	34
<b>4 GÊNERO NA SOCIEDADE DE CONTROLE.....</b>	<b>37</b>
4.1. SEXO COMO TECNOLOGIA.....	39
4.2. O SEXO E SUA INSCRIÇÃO SOBRE OS CORPOS.....	41
<b>4.2.1. Da sacralidade à censura dos seios femininos.....</b>	<b>47</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXO – IMAGENS COLETADAS NA HASHTAG.....</b>	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ressignificações ao longo da história transformaram os seios femininos de símbolo sacro e maternal a objeto erótico e obscuro (SIBILA, 2014). Tais codificações agem infraestruturalmente antes mesmo da atribuição de sentidos estáveis aos seios, determinando o que biologicamente é um seio e o ligando ao sexo feminino. O alto grau de reiteração durante o tempo forma tais codificações das quais não temos mais acesso a uma possível origem. Na unidade elementar da linguagem, a palavra de ordem, não é possível e nem há como acessar uma significância fora dela própria (DELEUZE, GUATTARI, 2011). O que convencionamos pelo discurso nos aprisiona de tal forma que é impossível pensar fora da palavra. Nos identificamos e nos construímos a partir do que está dado por tais processos semióticos. Tomando como exemplo o ambiente escolar, somos ensinados a partir de ordens:

Os mandamentos do professor não são exteriores nem se acrescentam ao que ele nos ensina. Não provêm de significações primeiras, não são a consequência de informações: a ordem se apóia sempre, e desde o início, em ordens, por isso é redundância. A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito de enunciação etc). A unidade elementar da linguagem — o enunciado — é a palavra de ordem. Mais do que o senso comum, faculdade que centralizaria as informações, é preciso definir uma faculdade abominável que consiste em emitir, receber e transmitir as palavras de ordem. A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 11-12)

Os enunciados, assim, constroem os corpos, operando através de apagamentos e elegendo como “fundante ou como central uma ideia, uma entidade ou um sujeito, determinando, a partir desse lugar, a posição do ‘outro’, o seu oposto subordinado. O termo inicial é compreendido sempre como superior, enquanto que o outro é o seu derivado, inferior” (LOURO, 2001, p.548). A diferenciação entre corpos femininos e masculinos opera dentro dessa lógica, tendo como fundante o corpo masculino, desde o testamento bíblico, com a Eva sendo criada a partir das costelas de Adão, até a linguística, aplicando os pronomes masculinos como unidades neutras da língua portuguesa.

Mesmo quando nos referimos ao corpo em sua materialidade, o discurso não pode ser entendido como simples referência ao objeto, pois designa estados de mundo. A mulher, como objeto da linguagem, é material, mas diferente em diversos aspectos, dos quais podemos entender como fatores culturais, variantes em diversos aspectos como região, tempo e contexto. Um único signo mulher não consegue dar conta da multiplicidade dos corpos. Para

desnaturalizar tais signos, são necessários acontecimentos que invertam suas lógicas e deem a ver tais agenciamentos que os compuseram.

Judith Butler (2000) encontra dentro do mesmo sistema que designa e sujeita os corpos brechas para desconstruir esse modelo. Ela considera que a mesma norma que reitera é aquela que possibilita reflexão e fissuras nesse sistema, pois ao categorizar o que está dentro da norma, o que está à margem dela é um constante contraponto que pode desestabilizar esse sistema e dar a ver as formas pelas quais ele age. “Esta instabilidade é a possibilidade desconstitutiva no próprio processo de repetição, o poder que desfaz os próprios efeitos pelos quais o ‘sexo’ é estabilizado, a possibilidade de colocar a consolidação das normas do ‘sexo’ em uma crise potencialmente produtiva” (BUTLER, 2000, p. 164). Portanto, é o próprio mecanismo que, em suas falhas e lacunas na codificação, dá espaço para o questionamento. Tentar recodificar o sexo é, então, modificar tais códigos, inovando em sua mensagem e referência.

A linguagem cibernética, como reprodutora e produtora de sentidos, se constitui a partir dos códigos culturais do homem na elaboração de seus códigos algoritmos. Assim como instituições governamentais, educacionais, científicas, entre outras, a internet regula e modula seu conteúdo, tomando como princípio as políticas de uso dos sites desenvolvidos nas redes. Uma passagem das sociedades disciplinares para sociedades de controle, anunciada por Deleuze (1992), parece implicar em um aprimoramento da palavra de ordem, agora aplicado a uma linguagem numérica, da ordem dos computadores. Deleuze (1992) adverte que o regime que agencia os corpos não é mais da ordem da sujeição social, mas sim dos devires, por instituições cada vez mais moleculares. Se antes os sujeitos são confinados em moldes nas sociedades de controle eles passam a ser controlados de forma modular, adaptável e mais múltipla. Os algoritmos são grandes agenciadores de subjetividades na internet, determinando que conteúdos que serão disponibilizados ao usuário, a ordem de relevância das informações e seus formatos. O próprio processo é modulador, como no caso das formas limitadas de uso e interação em rede. Todas suas possibilidades já estão circunscritas no aparelho. Flusser (2009), em "Filosofia da Caixa Preta - Ensaios para uma futura filosofia da fotografia" vai explicar através da máquina fotográfica essa teoria.

Se considerarmos o aparelho fotográfico sob tal prisma, constataremos que o estar programado é que o caracteriza. As superfícies simbólicas que produz estão, de alguma forma, inscritas previamente (“programadas”, “pré-escritas”) por aqueles que o produziram. As fotografias são realizações de algumas das potencialidades inscritas no aparelho. O número de potencialidades é grande, mas limitado: é a soma de todas as fotografias

fotografáveis por este aparelho. A cada fotografia realizada, diminui o número de potencialidades, aumentando o número de realizações: o programa vai se esgotando e o universo fotográfico vai se realizando. O fotógrafo age em prol do esgotamento do programa e em prol da realização do universo fotográfico. Já que o programa é muito “rico”, o fotógrafo se esforça por descobrir potencialidades ignoradas. (FLUSSER, 1985, p. 15)

Podemos nesse caso aplicar também esse mecanismo aos sistemas dos computadores e a internet. Quanto mais codificadas e inacessíveis estão essas relações da máquina, menos enxergamos como se dão esses agenciamentos e menos possibilidades temos de tentar fugir do que já está “pré-escrito” (FLUSSER, 1985). Agenciamentos estes que não supõem uma racionalidade do indivíduo ou um sujeito agente, mas sim um conjunto de forças, como veremos mais a frente.

Ainda assim, é possível evidenciar tais agenciamentos<sup>1</sup> através do hackeamento e ressignificação de códigos, que desestabilizam a estrutura das redes. Vários movimentos estéticos e políticos na internet experimentam esse terreno como potencial para propagar suas ideias. É o caso da mobilização em torno da *hashtag* “Free the Nipple”, que desde o início da campanha promovida por Lina Esco, diretora do filme de mesmo nome, vem questionando a proibição em torno da nudez feminina.

Com a proibição do filme ficcional produzido pela diretora, os protestos a favor do *topless* feminino retratados em cena se concretizaram. Além das manifestações que ocorreram nas ruas em algumas cidades dos Estados Unidos<sup>2</sup>, usuários em suas redes sociais expressaram apoio à causa levantada pela cineasta. No site da campanha na internet<sup>3</sup>, o movimento intitula-se uma “campanha global pela mudança, focada na igualdade, empoderamento e liberdade de todos os seres humanos” (FREE THE NIPPLE, 2018, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Entre 2012 e o final de março de 2018, a rede social Instagram já reunia mais de 3.942.098 postagens utilizando a *hashtag* “Free the Nipple”. Em 2013, o perfil do filme no Facebook foi suspenso após a divulgação do trailer com mulheres andando pela cidade de Nova Iorque sem blusas e sutiãs. O movimento ganhou maiores proporções quando

---

<sup>1</sup> O conceito de agenciamento aqui compreendido vem dos estudos de Deleuze e Guattari (1995). Na formulação dos autores, os agenciamentos desenvolvem em dois eixos: os agenciamentos maquímicos do desejo, ligados aos corpos; e os agenciamentos coletivos de enunciação, ligados à linguagem. As articulações de conteúdo e expressão operam o “corpo não-formado, não organizado, não estratificado ou desestratificado” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.75). Sua função é “formar matérias, aprisionar intensidades ou fixar singularidades em sistemas de ressonância e redundância” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.70).

<sup>2</sup> Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Web/noticia/2014/06/mulheres-de-topless-protestam-nas-ruas-de-nova-york-pelo-direito-de-mostrar-os-mamilos-na-internet.html> Acesso em: 04/04/2018

<sup>3</sup> Disponível em: <http://freethenipple.com/> Acesso em: 04/04/2018

<sup>4</sup> “Free the Nipple is a global campaign of change, focused on the equality, empowerment, and freedom of all human beings.”

celebridades começaram a defender a causa, postando fotos em suas contas no Instagram com a *hashtag* “Free the Nipple” (várias delas censuradas pela rede social). Com políticas duras em relação à nudez, as redes sociais tornaram-se alvo dos protestos feministas. A expressão “Free the Nipple” foi amplamente utilizada e adquiriu inclusive novos significados, “sem sutiã” ou “*topless*”.<sup>5</sup> Apesar das críticas, o Facebook e o Instagram passaram a permitir somente postagens de fotos de mulheres amamentando, pós cirurgia de mastectomia ou obras de arte com nudez.

A observação e o estudo da estrutura das redes sociais são necessários para compreender como, e se, esses movimentos contribuem para explicitar possíveis tensões semióticas na codificação dos corpos. Tendo isso como princípio, neste trabalho pretendemos investigar os agenciamentos produzidos pela rede social Instagram, tendo como objeto de pesquisa a censura do aplicativo sobre as imagens publicadas pelos usuários na *hashtag* “Free the Nipple”. Ao iniciar a análise do objeto, em um terreno tão mutável como o da internet, decidimos utilizar como metodologia a Teoria Fundamentada. “A TF foi inicialmente proposta como método por Glaser e Strauss em seu livro *The Discovery of Grounded Theory*, em 1967” (GLASER; STRAUSS, 1967 apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 84). Essa metodologia nasce com a proposta de, a partir do recolhimento e sistematização dos dados no campo empírico, “perceber a emergência da teoria a partir dos dados, sendo especialmente adequada para quem estuda temáticas novas e com poucas fontes bibliográficas” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, pg. 110).<sup>6</sup> Ao contrário de metodologias mais tradicionais, no qual o pesquisador parte para a coleta de dados com um problema de pesquisa e base teórica para enfrentá-lo, na Teoria Fundamentada, a partir da coleta e organização dos dados da pesquisa, seria possível observar quais rumos ela tomaria.

O ponto de partida do trabalho foi o impulso para entender de que modo se dava a censura nos aplicativos de redes sociais. O primeiro passo foi escolher as imagens associadas a *#freethenipple* como instrumentos da análise. A escolha de explorar as imagens publicadas dentro da *hashtag* foi motivada pelos casos já conhecidos de censura dessas fotos de celebridades e a facilidade de rastrear todas elas através do tagueamento feito pelo usuário com a *hashtag*. Além disso, a diversidade de imagens que apareciam na busca foi sedutora para analisar, em um primeiro momento, quais imagens ali publicadas conseguiriam burlar a

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/moda/10-famosas-que-quebram-o-tabu-e-apostam-no-look-sem-sutia/>> Acesso em: 04/04/2018

<sup>6</sup> Ao utilizarmos a Teoria Fundamentada, não pretendemos invocar um sentido positivista de uma verdade a ser revelada pelos dados. Nessa pesquisa, seu uso é invocado no sentido de dar rumos teóricos e metodológicos a partir do contato com o campo empírico de análise.

censura do Instagram para se manterem circulando na rede. Além das imagens vinculadas à campanha “Free the Nipple”, postadas pelo perfil oficial do movimento ou por outros usuários, inúmeras imagens pareciam ter pouca ou nenhuma relação com assunto tratado na campanha.

Após um período de análise e coleta de dados, delimitamos o objeto de estudo - a censura das redes sociais às postagens de usuários com a *hashtag* “Free the Nipple”. A escolha de estudar as ações da rede sobre as imagens só foi possível através dos resultados da primeira pesquisa, que demonstraram que o conteúdo das fotos ligadas a *hashtag* era irrelevante para a exclusão delas da rede. A segunda delimitação veio através do local, do formato e do período de recolhimento dos dados. A Teoria Fundamentada serviu como coluna vertebral do trabalho, passando por todas as fases de sua elaboração. Ela rege o trabalho desde a investigação e coleta de dados até a definição das teorias e outras metodologias a serem utilizadas, que emergiram dos resultados das análises.

Para esta pesquisa e análise, optamos coletar somente imagens estáticas, como fotos e desenhos. Nos Padrões de Comunidade do Facebook<sup>7</sup> e Instagram<sup>8</sup>, as imagens são explicitamente proibidas se apresentam nudez, com restrição das que representam obras de arte, mastectomia e amamentação. Já a coleta de dados se deu-se até o esgotamento de novos resultados, encontrando recorrências na pesquisa realizada. Uma vez que o conteúdo das imagens era mais importante para a pesquisa, de caráter qualitativo, não foi necessário estabelecer números de amostragem exatos.

O Instagram, entre outras redes que também foram utilizadas pelos usuários para divulgar a campanha, como Twitter e Youtube, foi escolhido por se tratar de uma ferramenta que privilegia o uso da imagem em relação à escrita. Ao contrário dessas outras redes, nas quais é possível compartilhar textos sem uso de imagens ou nas quais a imagem vem após o texto, o Instagram tem a imagem como item central quando se deseja compartilhar algo com os seguidores na rede. Além disso, foi através do Instagram que vários artistas se pronunciaram sobre a campanha.

Apesar dos primeiros passos dessa pesquisa terem ocorrido através da análise das imagens publicadas na *hashtag* no Instagram, optamos aqui por abrir o desenvolvimento do trabalho com a apresentação do campo de pesquisa, as redes sociais, mais especificamente o aplicativo Instagram, com o objetivo situar o leitor. No próximo capítulo, então, adotaremos uma pesquisa documental aliada a netnografia para contextualizar o trabalho dentro do

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards/> Acesso em: 04/04/2018

<sup>8</sup> Disponível em: [https://help.instagram.com/477434105621119/?helpref=hc\\_fnav](https://help.instagram.com/477434105621119/?helpref=hc_fnav) Acesso em: 04/04/2018

território em que está sendo desenvolvido - o aplicativo de rede social Instagram. A narrativa etnográfica é um método usado para descrever grupos sociais e seus comportamentos. A etnografia virtual, ou netnografia, é a aplicação do método a comunidades online (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Aqui ela servirá como forma de imersão no Instagram de forma a coletar, de maneira mais atualizada, dados sobre o seu serviço.

A netnografia do Instagram torna-se importante na medida que essa rede e suas atividades se tornam o objeto principal da pesquisa e em que os documentos sobre o aplicativo podem não estar suficientemente atualizados pela velocidade das ações na rede social. Alguns antropólogos demonstraram-se contrários à aplicação de um fazer etnográfico sem ir a campo para pesquisar, porém uma etnografia nas redes também exige imersão do pesquisador, com a ressalva dos métodos de coleta de dados e suas análises que vão diferir de um procedimento para outro (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, pg. 110). A interatividade própria dos ramos da etnografia dá-se neste trabalho na fase experimental de interação na rede, apesar de não haver troca com outros usuários.

Além da descrição da rede social e de uma breve história de sua criação, o segundo capítulo contém uma apresentação mais detalhada do surgimento da *hashtag* “Free the Nipple” e apresenta os dados coletados na análise. Após esse percurso, analisamos a necessidade de inserir outra metodologia que servisse para esclarecer dúvidas restantes sobre o material coletado. A Teoria Fundamentada, como método que rege a pesquisa, foi importante ao dar liberdade suficiente para, através desses dados, emergir uma metodologia experimental para desenvolver a análise do trabalho.

Portanto, no terceiro capítulo iremos desenvolver o procedimento da pesquisa experimental dentro da plataforma, testando as hipóteses elaboradas a partir da primeira observação. De acordo com os procedimentos elaborados por Gil (2002), a pesquisa experimental trata-se de um procedimento no qual o pesquisador é agente ativo e consiste em aplicar as variáveis capazes de influenciar o objeto sobre ele e observar os resultados (GIL, 2002). Para isso, uma conta foi aberta na rede social Instagram e as imagens disponíveis na internet, ligadas ou não a *hashtag*, serão republicadas na rede para investigar suas reações.

Já no quarto capítulo abordaremos o gênero feminino e masculino, assim como outras inscrições nos corpos, como instrumentos de controle. O sexo, segundo Beatriz Preciado (2011), é uma das formas capitalísticas contemporâneas de controle para normalização das identidades. A categoria sexo “não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa” (BUTLER, 2000, p.153). Através do

Estado, da ciência, da educação entre outras instituições, o sexo é materializado através da reiteração imposta de normas para então servir como instrumento regulador do corpo, identificando quais corpos têm menor valor e consolidando a supremacia da identidade heterossexual e cisgênera.

O sexo, longe de ser um dado natural dos corpos, é tecnologia de domínio social sobre as populações. Para demonstrar isso, traçaremos um panorama dos significados que o sexo adquire em diferentes espaços e tempos, com uma análise mais detalhada dos seios como objetos de censura. Para embasar essa pesquisa, utilizaremos autores pós-estruturalistas como Judith Butler e Paul Preciado, que trabalham com sexo e gênero através da perspectiva *queer*. A política *queer* “não repousa sobre uma identidade natural (homem/ mulher) nem sobre uma definição pela prática (heterossexual/ homossexual), mas sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como ‘normais’ ou ‘anormais’” (PRECIADO, 2011, pg.16).



## 2 CONTROLE E CENSURA NAS REDES SOCIAIS

Deleuze (1992) anuncia a passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle. Em meio à crise das instituições tradicionais, como a família, a escola e a prisão, outros mecanismos de controle surgem, nem mais e nem menos severos que os anteriores. Enquanto nas sociedades industriais o confinamento se dava por meio de moldes que enquadram os sujeitos, nas sociedades pós-industriais dá-se através de modulação, “como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente” (DELEUZE, 1992, p. 221).

Nos parece aqui, mais que uma passagem, uma atualização desses sistemas, que muitas vezes ainda coexistem, porém aplicados em diferentes ordens e espaços. As palavras de ordem estão restauradas em códigos numéricos, nas cifras, nos programas de computadores entre várias outras formas de sistematizar nossas vidas (DELEUZE, 1992). Ao mesmo tempo que individualizam cada cidadão, tornam todos parte de uma massa, peças de uma engrenagem. Deleuze vai afirmar que

As sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo. (DELEUZE, 1992, p. 223)

Primeiramente usada pelo governo americano para descentralizar informações durante a Guerra Fria, a internet entrou no ar em 1983, mas somente cinco anos mais tarde foi aberta para comercialização e adquiriu os moldes de como a conhecemos hoje.<sup>9</sup> Em sua concepção, a ideia revolucionária de descentralizar meios de comunicação e permitir maior troca de informações por pessoas de todas as partes do mundo. “Quando a internet surgiu, muitos esperavam que ela eliminasse a censura completamente – o fluxo de informações seria rápido e intenso demais, impedindo o controle governamental.” (PARISER, 2012, p.126)

Porém, a linha é tênue entre os agenciamentos de liberdade e servidão. O mesmo algoritmo de criação de novos mundos fora do controle das instituições tradicionais que parece revolucionário pode acabar nos aprisionando. Pariser explica

O processo apenas ganhou outra forma: em vez de simplesmente proibir certas palavras ou opiniões diretamente, o processo gira cada vez mais em torno de uma censura de segunda ordem – a manipulação da curadoria, do contexto e do fluxo de informações e de atenção. E como a bolha dos filtros

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/04/internet-completa-44-anos-relembre-historia-da-web.html> Acesso em 11/04/2018

é controlada por umas poucas empresas centralizadas, ajustar esse fluxo de forma individualizada pode ser mais fácil do que parece. Em vez de descentralizar o poder, como previram alguns dos primeiros entusiastas da internet, a rede de certa forma o concentra. (PARISER, 2012, p.126)

Quanto mais desconhecidas são as estruturas que nos agenciam, mais difícil lutar contra elas. Apesar de a internet propor uma descentralização da comunicação, as empresas de tecnologia hoje estão entre as maiores e mais lucrativas empresas do mundo. A Apple, por exemplo, é a nona corporação na lista das maiores empresas privadas do mundo feita pela revista Forbes em 2017<sup>10</sup>. Seu valor de mercado está avaliado em 752 bilhões de dólares. Já a Alphabet, conglomerado de empresas que inclui o Google, é a 24<sup>a</sup>. Também no ano passado um relatório da CB Insights mostrou que as 10 maiores empresas de tecnologia já adquiriram juntas 50 companhias, todas do ramo da Inteligência Artificial<sup>11</sup>.

A lista de bilionários no ramo de tecnologia só aumenta. Neste ano, 23 novos empresários dessa área se juntaram às pessoas mais ricas do planeta, 58% dos 206 bilionários da tecnologia estão com fortunas ainda maiores do que no ano passado<sup>12</sup>. Isso indica uma grande centralização dos lucros nas áreas de serviços e produtos tecnológicos. Mark Zuckerberg, terceiro empresário mais rico do setor e quinto do mundo, tem um patrimônio avaliado em 72 bilhões de dólares. Zuckerberg é proprietário da rede social Facebook, que tem mais de dois bilhões de usuários ativos. No ano passado, o empresário possuía quatro das cinco redes sociais e aplicativos mais usados no mundo, entre elas o Facebook, WhatsApp, Messenger e Instagram, em ordem decrescente de número de usuários.<sup>13</sup>

Questionado sobre ser um monopólio ou não pelo congresso no dia dez de abril de 2018, quando teve que depor ao congresso americano<sup>14</sup> sobre vazamento de dados dos usuários da rede social Facebook<sup>15</sup>, Zuckerberg teve dificuldades para eleger um concorrente direto dos seus serviços. Os senadores também se demonstraram bastante preocupados com a

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.forbes.com/global2000/list/#industry:Computer%20Hardware>> Acesso em 11/04/2018

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2017/11/10-maiores-empresas-de-tecnologia-adquiriram-50-startups-de-inteligencia-artificial.html>> Acesso em 11/04/2018

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://forbes.uol.com.br/listas/2018/03/10-maiores-bilionarios-da-tecnologia-em-2018>> Acesso em 11/04/2018

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/07/facebook-domina-ranking-de-redes-sociais-mais-usadas-no-mundo.ghtml>> Acesso em 11/04/2018

<sup>14</sup> Neste ponto, conseguimos observar de forma clara o tensionamento das sociedades disciplinares, que ainda atuam através de modelos antigos como a inquisição - que remete a cena do congresso televisionado para todo o mundo aos julgamentos em praça pública -, e ambientes de controle. Mais do que uma divisão entre os períodos, as sociedades disciplinares e de controle ainda atuam de forma mútua.

<sup>15</sup> O empresário foi chamado para depor no caso da empresa Cambridge Analytica, que teve acesso a dados de 87 milhões de usuários do Facebook. Esses dados teriam sido usados para segmentar potenciais eleitores na eleição Donald Trump.

falta de transparência da rede sobre seu gerenciamento de dados e postagens. Quando perguntado sobre ser uma rede social neutra, o empresário primeiro respondeu ser “uma plataforma para todas as ideias” (ZUCKERBERG, 2018, tradução nossa)<sup>16</sup> e, quando novamente questionado, disse ter “certos conteúdos que nós (Facebook) claramente não permitimos: discurso de ódio, conteúdo terrorista, nudez, tudo que faz com que as pessoas se sintam inseguras na comunidade” (ZUCKERBERG, 2018, tradução nossa)<sup>17</sup>. Ele foi confrontado pelo senador Mike Lee do partido republicano, que avaliou se era o papel da plataforma dizer quais conexões feitas na rede eram positivas para a comunidade.

O programador domina o sistema de signos de seu espaço. Ele é o criador e detentor daquele mundo particular.

Se o código é a lei, ela é escrita pelos engenheiros de software e geeks. E são leis estranhas, criadas sem nenhum sistema judicial ou legisladores e aplicadas de forma quase perfeita e instantânea. Apesar de haver leis antivandalismo no mundo real, ainda temos a possibilidade de atirar uma pedra na vitrine de uma loja se não gostarmos dela. Talvez até nos safemos. Mas se o vandalismo não fizer parte do design de um mundo on-line, será simplesmente impossível. Se tentarmos atirar uma pedra na vitrine de uma loja virtual, tudo o que obteremos será um erro. (PARISER, 2012, p. 156)

Cabe aqui ressaltar que, apesar de os programadores serem materializadores desses códigos que virão a constituir a internet, seus sites, redes sociais e aplicativos, eles também são fruto de agenciamentos outros. O programador é somente um elemento de um ecossistema maior que abriga outras leis que também o agenciam. A cultura, normas sociais, tecnologias entre outros fatores são engrenagens maiores desse sistema. Além disso, nem todos os códigos criados são de domínio de seu criador. Uma vez lançados em rede, eles podem sofrer mutações de acordo com as ações reproduzidas na internet, tanto intervenções humanas como da máquina pela máquina, como é o caso de programas dotados de certa inteligência artificial.

As modulagens são o grande perigo que mora nas engrenagens dos computadores. Apesar de ser possível brincar com esse códigos em rede e reformulá-los, a grande questão é não ter acesso a como a rede opera, pois assim se torna mais difícil intervir. Até mesmo sites como redes sociais, nos quais é possível personalizar sua experiência, são carregados de modulações pelas quais o que compartilhamos e o que chega em nossas telas é filtrado. Até

---

<sup>16</sup> “We consider ourselves to be a platform for all ideas”

<sup>17</sup> “There are certain contents that clearly we do not allow. Hate speech, terrorist content, nudity, everything that makes people unsafe in the community.”

mesmo o botão “curtir” do Facebook carrega uma simbologia que vai interferir na estrutura da rede, pois “as histórias que recebem mais atenção no Facebook são aquelas que mais pessoas curtem, e as histórias que as pessoas curtem são, bem, mais agradáveis” (PARISER, 2012, p. 134). Atualmente, a plataforma já disponibiliza outras cinco opções de botões para esboçar reações nos posts, como “amei” ou “triste”.

Zuckerberg, em seu depoimento, declarou:

Você se inscreve no Facebook, você ganha a habilidade para compartilhar o que quiser com as pessoas. É isto que o serviço é. Você pode se conectar com as pessoas que quiser, compartilhar qualquer conteúdo que importa para você, sejam fotos, links ou posts. Você tem controle com quem você compartilha e pode tirar do ar se quiser e para começar, não precisa colocar nada se não quiser. (ZUCKERBERG, 2018, tradução nossa)<sup>18</sup>

Isso evidencia a ignorância em perceber (ou a má fé em ignorar) como a estrutura das redes sociais interfere nas relações dos usuários com a plataforma e com os outros usuários, quer você queira ou não. “‘Armas não matam pessoas, as pessoas é que matam’ – uma cegueira intencional sobre o modo como as decisões de design afetam as vidas diárias de milhões de pessoas” (PARISER, 2012, p. 158).

Tais sistemas criados por Zuckerberg e outros empresários da área podem parecer objetivos, por se tratar de sistemas, cálculos matemáticos e maquínicos. Porém, como vimos acima, tais máquinas são qualitativas e refletem os sistemas que as agenciam. O presidente do Facebook enfatizou em seus depoimentos que a empresa vai buscar cada vez mais um processo objetivo e rápido de censura dos elementos considerados fora dos padrões da comunidade. A sua intenção é investir em Inteligência Artificial, que gradativamente poderá substituir as 20 mil pessoas que trabalham na avaliação dos conteúdos publicados pelos usuários (ZUCKERBERG, 2018). Nos últimos cinco anos, a companhia adquiriu seis empresas que trabalham nessa área.

Cada vez mais uma combinação de algoritmos será usada para barrar publicações antes mesmo que tenham sido postadas na rede. É na aposta de uma objetividade da máquina que reside as concepções de uma moral fixa a que todos devem prezar. Se é inquestionável, nas palavras de Zuckerberg, que a moral não deve permitir discurso de ódio, conteúdo terrorista e nudez, é porque tais questões já estão virando unidades fundamentais da língua, sendo

---

<sup>18</sup> “You sign up for the Facebook, you get the ability to share the information that you want with people. That’s what the service is. You can connect with the people that you want, you can share whatever content matters to you, like photos, or links or posts. And you get control of who you share with, and you can take it down if you want, and you don’t need to put anything up in the first place with you don’t want.”

desprendidas de seus contextos e variações. Se hoje temos acesso e ainda debatemos casos como uma criança sendo exposta a nudez no Museu de Arte Moderna (MAM) em São Paulo<sup>19</sup> ou escolas visitando a exposição Queermuseu em Porto Alegre<sup>20</sup>, a censura maquínica dos algoritmos na rede social impede inclusive a reflexão sobre tais assuntos.

Assim como se tateia no escuro, pesquisar o funcionamento dos algoritmos não tem manual de instruções. Dificilmente são revelados de que modo eles agem pelos seus programadores e é possível saber somente como agem quando se concretizam em ações efetivas nas redes. É por esse motivo que uma imersão na rede e suas funcionalidades, juntamente com a coleta de dados, foi necessária para desenvolver a pesquisa. Constantemente atualizando seus recursos, os trabalhos relacionados à rede social acabam desatualizados quanto aos dados e serviços disponíveis pelo seu sistema. Portanto, a netnografia foi escolhida como metodologia para elaborar o próximo subcapítulo. A netnografia servirá como ponto de partida da pesquisa, para ambientação e coleta de dados e para “definir um problema que não pode ser imediatamente expresso em termos de hipótese e que resulta em comportamentos não previstos pela literatura existente” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, pg. 180). Portanto, no subcapítulo Instagram apresentaremos a rede e suas funções, traçando a evolução de suas utilidades e, em seguida, os dados coletados que originaram nosso objeto de pesquisa.

## 2.1. NETNOGRAFIA DA REDE SOCIAL INSTAGRAM

Em outubro de 2010, o aplicativo Instagram foi lançado pelos engenheiros Kevin Systrom e Mike Krieger. A rede social foi criada com o objetivo de conectar pessoas com o foco no compartilhamento de imagens. Além de ser disponibilizado somente para iPhones, seu formato era limitado a fotografias quadradas que poderiam ser postadas na rede para que os seguidores do perfil pudessem ver, comentar e curtir. Somente no primeiro dia de

---

<sup>19</sup> Em novembro de 2017, a performance do artista Wagner Schwartz na estreia do 35º Panorama de arte Brasileira no Museu de Arte Moderna (MAM), em São Paulo, gerou polêmica na internet. Um vídeo de sua apresentação, na qual o artista estava nu e uma criança tocava seu pé, foi divulgado nas redes sociais e provocou fortes reações de setores conservadores. O Movimento Brasil Livre (MBL), Jair Bolsonaro e o Pastor Marco Feliciano são algumas das páginas que criticaram duramente a performance do artista pela rede social Facebook, classificando o ato como pedofilia ou sexualização da infância.

<sup>20</sup> No dia 10 de setembro de 2017, a exposição “Queermuseu - Cartografias da diferença na Arte Brasileira” foi fechada antecipadamente após receber inúmeras críticas e manifestações através das redes sociais e no espaço do Santander Cultural em Porto Alegre, onde estava ocorrendo. A exposição reunia cerca de 270 obras de 90 artistas plásticos e retratava a diversidade de expressões de gênero. Algumas obras foram classificadas pelos manifestantes de “apologia a pedofilia e zoofilia”. O Santander se manifestou através do Facebook dizendo que não pretendia ofender nenhum credo e entende as críticas, por isso encerraria as atividades da exposição.

funcionamento o programa já havia alcançado 25 mil pessoas<sup>21</sup>. Um ano após o lançamento, o Instagram já reunia mais de 14 milhões de usuários e foi reconhecido pela empresa Apple como o aplicativo do ano. Reconhecido seu potencial, em 2012 o programa foi comprado pelo empresário Mark Zuckerberg. No mesmo ano, o aplicativo passou a ser traduzido em 25 línguas diferentes, atingiu a marca de 80 milhões de usuários e passou a ser disponibilizado também para celulares de sistema Android.

O aplicativo Instagram foi adquirido por um bilhão de dólares<sup>22</sup>. Em 2017 o seu comprador Facebook já valia mais que 499 bilhões de dólares em ações. Esses números revelam a importância que o mercado de dados adquiriu para a publicidade e até mesmo para o jornalismo e campanhas presidenciais, como no caso do escândalo de uso de dados de usuários da rede social para a eleição de Donald Trump.<sup>23</sup> Os aplicativos da marca Facebook, assim como os associados ao Google, apesar de terem objetivos diferentes, como conectar pessoas e ser uma ferramenta de busca inteligente, baseiam seus lucros no mercado de dados.

Com a promessa de “ajudar você a se conectar e compartilhar com as pessoas que fazem parte da sua vida” (FACEBOOK, 2018)<sup>24</sup>, o Facebook e as outras redes sociais da marca armazenam dados e interações de seus usuários. Tais informações são utilizadas para segmentar públicos de marcas e direcionar anúncios para as pessoas de forma a atingir com exatidão seus potenciais compradores. Tamanha exatidão levou usuários a inclusive especularem se o Facebook não estaria ouvindo suas conversas offline<sup>25</sup>, porém isso não é preciso com a quantidade de dados que já são disponibilizados livremente na internet, como localização do GPS conectada ao celular ou computador, atividades recentes de navegação ou postagens pessoais. O marketing online virou o maior aliado das empresas.

Em 2013, ano seguinte a sua compra, já era possível publicar vídeos na plataforma além de compartilhar conteúdo via Instagram Direct somente com alguns dos seus contatos, e não mais somente no *feed* principal. Em 2016, uma nova forma de ordenar o *feed* inicial do Instagram foi implementada. Por meio das atividades feitas pelo usuário na rede, os algoritmos organizam as fotos mais curtidas e comentadas de pessoas que você segue e costuma interagir, mostrando essas imagens em primeiro lugar. Nesse mesmo ano, a função *story* é ativada,

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://instagram-press.com/blog> Acesso em: 25/03/2018

<sup>22</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/facebook-anuncia-compra-do-instagram.html> Acesso em: 08/04/2018

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/03/entenda-o-escandalo-do-uso-de-dados-do-facebook.shtml> Acesso em: 08/04/2018

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/> Acesso em: 13/04/2018

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/phone-listening-facebook-google-ads/> Acesso em: 13/04/2018

inspirada na rede social Snapchat, na qual você compartilha mensagens em formato de vídeo curto ou imagem aos amigos usuários de forma temporária.

O ranqueamento das imagens no *feed* do Instagram é um reflexo da aplicação do mesmo mecanismo de EdgeRank feito no *feed* de notícias do Facebook. A intenção é tornar a experiência do usuário mais personalizada, principalmente pelo grande volume de dados compartilhados.

O EdgeRank demonstra o paradoxo existente no âmago da corrida pela relevância. Para oferecer mais relevância, os algoritmos de personalização precisam de mais dados. No entanto, quanto mais dados houver, mais sofisticados deverão ser os filtros para organizá-los. É um ciclo sem fim. (PARISER, 2012, p. 39)

A personalização excessiva criada pelos algoritmos de redes sociais nos aprisiona nas “bolhas”. Com o objetivo de ser um mecanismo eficiente para nos oferecer aquilo que procuramos sem muito esforço, “a personalização nos trouxe algo muito diferente: uma esfera pública dividida e manipulada por algoritmos, estruturalmente fragmentada e hostil ao diálogo” (PARISER, 2012, p. 147).

Um estudo realizado na Universidade da Virgínia indicou que “inteligência artificial não apenas não evita o erro humano derivado de seus preconceitos, como também pode piorar a discriminação” (SALAS, 2017). Como mecanismos algorítmicos aprendem através da repetição, ao estarem condicionados a perspectivas machistas, racistas, classistas, entre outras, são reproduzidas pelas máquinas. No estudo, ao processarem imagens de pessoas cozinhando, nas quais a maior parte representavam mulheres, e após isso sendo expostas a essas imagens novamente, o percentual de mulheres identificadas pelas máquinas foi de 67% para 84%. E esse é somente um dos casos:

O software da Nikon averte o fotógrafo de que alguém piscou quando o retratado tem traços asiáticos. As webcams da HP não podem identificar e seguir os rostos mais morenos, mas o fazem com os brancos. O primeiro concurso de beleza julgado por um computador colocou uma única pessoa de pele escura entre os 44 vencedores. Nos Estados Unidos, a Amazon deixa fora de suas promoções os bairros de maioria afro-americana (mais pobres). (SALAS, 2017)

E esse número só tende a crescer conforme as bolhas de algoritmos não são estouradas por imagens dissonantes (se é possível que sumam). Pois, cada vez em que surgem assimetrias, a tendência do sistema é criar novas bolhas ou apenas transformar, subdividir ou mesclá-las. E por serem invisíveis, é difícil lutar contra as bolhas.

Atualmente, com mais de 700 milhões de usuários, o Instagram possui mais de 800 milhões de atividades mensais. Além das funções tradicionais de compartilhar fotos e vídeos e seguir amigos pelo aplicativo, a rede social permite buscar localidades, eventos e outros perfis públicos sem estar conectado a eles. Ao adicionar *hashtags*<sup>26</sup> e localização as fotos, vídeos e *stories* publicados, o conteúdo gerado por esses usuários com perfil público pode ser acessado através da pesquisa pelo local ou *hashtag* na barra de busca. As fotos, vídeos e *stories* mais populares no aplicativo podem ser acessados pela aba Explorar. No final de 2017, o Instagram adicionou a opção de seguir *hashtags* assim como é possível seguir perfis pessoais. A mais recente atualização também permite colocar *hashtags* na biografia do perfil pessoal, levando o usuário que acessa esse perfil e clicar na *hashtag* diretamente para a página que reúne as imagens postadas com a *tag*. Nos parece que a *hashtag* adquire aqui um caráter de perfil, tendo importância simétrica aos perfis de usuários e marcas. A *hashtag* seria um perfil construído de forma múltipla, com mesmas chances de alcance de perfis pessoais.

As *hashtags* viraram grande instrumento de mobilização e memória nas redes. Inúmeros protestos que utilizam como ferramenta as redes sociais apresentam uma *hashtag* como forma de união entre os usuários que acreditam na causa, agora sem barreiras geográficas (TUFECKCI, 2017). Zeynep Tufekci (2017) acredita que, sem ferramentas como essa e sem a conectividade que a internet proporciona, seria difícil reunir tantos manifestantes de forma espontânea. Diferentemente de outras ferramentas de redes sociais usadas em protestos e outros tipos de organizações, em que uma pessoa ou página precisa criar um evento para reunir outras pessoas ou ter vários seguidores para conseguir um bom alcance de sua mensagem, a *hashtag* virou um instrumento importante na construção de campanhas descentralizadas. Pois é somente através do mapeamento feito ao usar *hashtags* que é possível dimensionar quantas pessoas se afetam por aquela causa, não importando qual perfil está usando. Plataformas como o Twitter se apropriam do uso das *hashtags* como única forma de conectar usuários que não se seguem, de acordo com seus interesses, assim como o Instagram está tentando fazer. Além disso a rede social Twitter possui um ranking de assuntos mais comentados no mundo e por região, que utiliza como base para os cálculos o uso das *hashtags* em postagens de usuários.

---

<sup>26</sup> A *hashtag* é popularmente usada para agrupar diversos conteúdos sobre um determinado tema. Cada *hashtag* criada é transformada em um *hiperlink* que irá direcionar a pesquisa para todos os conteúdos que também foram marcados com aquela *hashtag* específica. Para criar uma *hashtag*, basta escrever uma palavra-chave do conteúdo que será publicado antecedida pela cerquilha (#).



Somente em 2017 e no primeiro semestre de 2018 várias campanhas ficaram conhecidas e foram nomeadas pelo uso da *hashtag*. Algumas mais recentes como #MeToo, #MeuAmigoSecreto e a mais nova em circulação, #DeixaElaTrabalhar, foram criadas já com as *hashtags* em seus nomes e tinham como principal objetivo atingir mulheres que também quisessem compartilhar seus relatos através da *tag*.

A *hashtag*, apesar de ser uma concentração por assunto, não é terreno livre de discórdias. Por meio da ferramenta é possível ver um respiro em meio à bolha algorítmica. Seu terreno é alvo de dissonâncias já que, caso o usuário faça a escolha de se inteirar sobre aquele assunto – outro filtro do qual estamos sujeitos – é possível encontrar diferentes abordagens a partir da mesma *hashtag*, mesmo seu conteúdo estando sujeito aos mesmos filtros da rede social. Quando se atinge um certo volume de postagens, inúmeras *hashtags* adquire inclusive caráter de notícia e passam a integrar um local de relevância em meio a tantos conteúdos disponibilizados na internet, como é o caso do ranking feito pelo Twitter.

No próximo subcapítulo nos dedicaremos ao caso do movimento “Free the Nipple”, *hashtag* com grande número de publicações a partir do ano de 2014, data de lançamento do filme de mesmo nome.

## 2.2. MOVIMENTO “FREE THE NIPPLE”

A campanha “Free the Nipple”, libertem os mamilos na tradução, foi criada em 2012 durante a produção de um filme<sup>27</sup> de mesmo nome. O movimento teve início na cidade de Nova Iorque, tomando como mote da campanha a proibição do *topless* feminino para chamar atenção para desigualdade de tratamento entre gêneros. O filme ficcional, baseado na história real de um grupo de mulheres que luta pela igualdade de gênero, enfrentou diversos problemas em sua produção, que foi quase encerrada quatro vezes por problemas com a polícia nas gravações externas, em que as atrizes caminhavam com os seios à mostra<sup>28</sup>. Lina Esco,

---

<sup>27</sup> FREE the Nipple. Direção de Lina Esco. Nova Iorque: IFC Films, WTFilms, 2014. (84 min)

<sup>28</sup> Nos Estados Unidos, cada estado possui diferentes leis que proíbem nudez. Apesar de os problemas enfrentados pela diretora na produção do filme, Nova Iorque é um dos estados que, em 1992, restringiu a lei § 245.01 sobre exposição dos corpos para somente criminalizar a exposição dos seios femininos com intuito comercial. Apesar disso, ainda há mulheres sendo presas no estado ao fazerem *topless*.

diretora do filme, disse em entrevista à revista norte-americana Salon<sup>29</sup> que a campanha online “Free the Nipple” era a forma de concretizar a ideia do filme e gerar *marketing*.

A divulgação do trailer de seu filme no Facebook também gerou repercussão ao ser retirado do ar e sua conta suspensa em 2013 (WEST, 2017). O movimento começou a tomar proporções globais, principalmente quando celebridades como Miley Cyrus, Scout Willis, Rihanna e Chelsea Handler aderiram à causa postando fotos com a *#freethenipple* em suas redes sociais, tendo como principal plataforma o Instagram. Ambas foram censuradas ao postarem fotos com os seios à mostra.

Os sites e aplicativos de redes sociais foram a maior plataforma da campanha, que usou a *hashtag* para, ao mesmo tempo que mapear e conseguir dimensionar a quantidade de fotos, textos e vídeos publicados sobre o assunto, difundir a mensagem. Na sua página na internet, a campanha é descrita como “a principal voz pela igualdade de gênero, utilizando todas as formas modernas de mídias, para conscientizar e efetuar mudanças em vários problemas sociais e injustiças” (FREE THE NIPPLE, 2018, tradução nossa)<sup>30</sup>. A campanha auto intitula-se um dos maiores e mais rápidos movimentos em crescimento. Apesar de diversos outros movimentos terem iniciado e ganhado força nas redes, como a Primavera Árabe ou as Manifestações de junho de 2013 aqui no Brasil, a *hashtag* “Free the Nipple” é uma das mais emblemáticas entre os movimentos sociais e ainda permanece sendo alimentada em ambas redes sociais, apesar de ter perdido sua força inicial.

Buscando pela *hashtag* nas redes sociais, é possível encontrar inúmeros resultados. Vários deles não procuram fazer referência ao movimento original proposto por Esco, mostrando que os sentidos da expressão já escaparam do que era proposto pelo movimento. No Facebook, ao pesquisar *#freethenipple*, a página oficial da campanha aparece além de outros 53 resultados entre perfis e comunidades. Além disso, inúmeros posts de perfis particulares ou páginas do Facebook podem ser mapeados pelo uso do termo. Entre os posts, mulheres e homens nus, imagens da campanha e desenhos são preponderantes em uma pesquisa rápida nos mais recentes encontrados. Os formatos de mídias mais utilizados são vídeos, músicas, links externos para reportagem, textos e fotos.

Ao efetuar uma busca dentro do aplicativo do Instagram pelo termo “Free the Nipple”, vários resultados surgiram entre perfis e *hashtags* relacionadas ao termo. Na primeira e

---

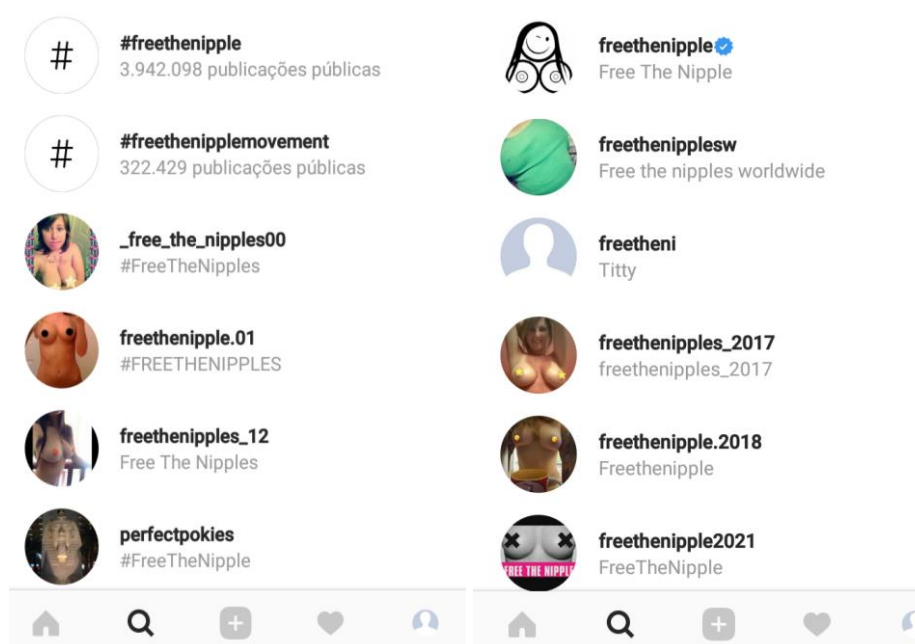
<sup>29</sup> Disponível em:

[https://www.salon.com/2014/12/16/maybe\\_america\\_just\\_needs\\_a\\_big\\_blast\\_of\\_boobies\\_lina\\_esco\\_tells\\_salon\\_about\\_her\\_topless\\_crusade\\_to\\_free\\_the\\_nipple/](https://www.salon.com/2014/12/16/maybe_america_just_needs_a_big_blast_of_boobies_lina_esco_tells_salon_about_her_topless_crusade_to_free_the_nipple/) Acesso em: 13/04/2018

<sup>30</sup> “[...] premiere voice for gender equality, utilizing all forms of modern media, to raise awareness and effect change on various social issues, and injustices.”

segunda telas de resultados da pesquisa, podemos ver alguns perfis relacionados à campanha (inclusive o perfil oficial, certificado pelo Instagram). A *hashtag* “Free the Nipple” aparece também, identificado em primeiro lugar na busca e no mesmo formato de um usuário. Logo abaixo, a rede social informa que 3.977.295 imagens<sup>31</sup> já foram publicadas vinculadas a *hashtag*, isto somente entre as publicações públicas, ou seja, aquelas de perfis de usuários dos quais suas contas estão configuradas para qualquer outro usuário que não o “siga” no Instagram conseguirem visualizar suas imagens também.

Figura 1: Print Screen’s da primeira e da segunda tela de busca no Instagram pela *#freethenipple*



Fonte: WERLANG, 2018

Os dados coletados foram retirados da busca dentro da página do Instagram pelo termo *#freethenipple*. *Print screen's* foram feitos dos resultados entre setembro de 2017 e março de 2018, em horários alternados durante os dias 15 a 21 e 28 e 29 de setembro de 2017, 15 a 22 de janeiro de 2018 e 5 a 7 de fevereiro do mesmo ano. No total, cerca de 354 imagens foram coletadas na pesquisa. Os resultados de janeiro não apresentam nenhuma imagem, pois, ao pesquisar pela *hashtag* nesse período, somente aparecia a mensagem “ainda não há publicações”.

Alguns dados foram relevantes para acabar com concepções que estavam regendo essa busca. Ao analisar essas imagens, foi possível perceber que nenhuma delas era recorrente em

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/explore/tags/freethenipple/>> Acesso em: 05/07/2018

um período mais longo que três dias. Até mesmo aquelas imagens que não infringiram as diretrizes da comunidade presentes nos termos de uso do Instagram eram deletadas da busca pela *hashtag*. De fotos de homens sem camisa a paisagens e produtos eletrônicos, foi possível perceber que não havia ali uma verdadeira seleção das fotos que eram censuradas e retiradas do ar. Todas elas eram excluídas, tendo como único fator comum o uso na descrição da foto da *hashtag* “Free the Nipple”. Na central de ajuda do Instagram<sup>32</sup>, o aplicativo explica:

Podemos remover a seção mais recentes de uma página de *hashtag*, se as pessoas usarem a *hashtag* para publicar conteúdo abusivo em um lugar altamente visível. Se esse for o caso, as publicações mais relevantes serão exibidas na página de *hashtag* apenas por um período de tempo limitado. (INSTAGRAM, 2018a)

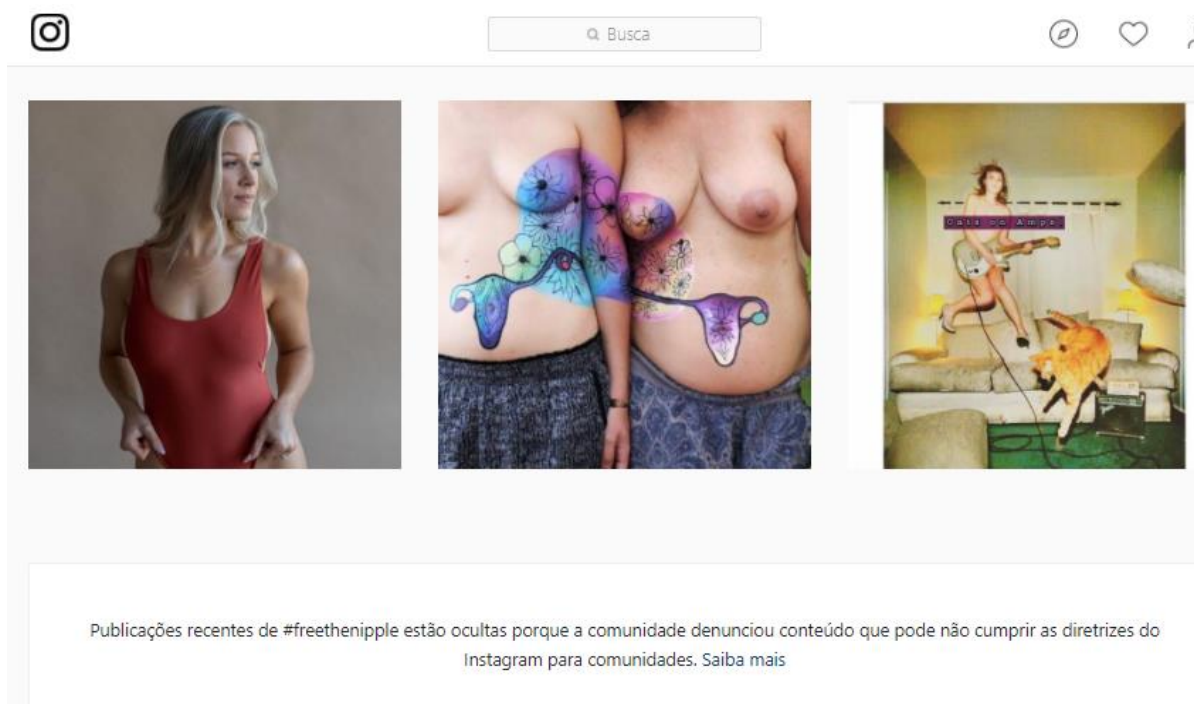
Ao buscar as imagens associadas a *hashtag* “Free the Nipple” nos perfis dos usuários que as postaram, as mesmas ainda estavam disponíveis em suas páginas. Desde imagens artísticas às mais explícitas, ambas não haviam sido banidas da rede social, mas somente deletadas da busca pela *hashtag*.

Diferentemente de quando a pesquisa era realizada por outras *hashtags*, a busca dos resultados em *#freethenipple* era interrompida pela mensagem “publicações recentes de *#freethenipple* estão ocultas porque a comunidade denunciou conteúdo que pode não cumprir as diretrizes do Instagram para a comunidade”.

---

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/help/instagram/>> Acesso em: 13/04/2018

Figura 2: Mensagem ao final da busca por *#freethenipple*



Fonte: WERLANG, 2018

Em cinco dias diferentes, pesquisando pela *hashtag* *masectomy*<sup>33</sup> (na qual algumas imagens encontradas na busca por *#freethenipple* também estavam presentes), não foi possível chegar ao final da barra de rolagem infinita da busca. Inúmeras imagens estavam disponíveis e se repetiam durante esses dias.

No Instagram, assim como em outras redes sociais, o usuário consegue denunciar conteúdos que estejam violando as diretrizes da comunidade. Tanto publicações pessoais quanto *hashtags* que possivelmente estão associadas a conteúdos considerados impróprios na rede podem ser denunciadas para a moderação do Instagram e banidas do aplicativo. Em relação a nudez, a rede adverte:

Sabemos que há momentos em que as pessoas podem desejar publicar imagens de nudez de natureza artística ou criativa, mas por vários motivos, não permitimos nudez no Instagram. Isso inclui fotos, vídeos e alguns conteúdos criados digitalmente que mostram relações sexuais, genitais e close-ups de nádegas totalmente expostas. Isso também inclui algumas fotos de mamilos **femininos**, mas as fotos de cicatrizes causados por mastectomia e mulheres amamentando são permitidas. Nudez em imagens de pinturas e esculturas também é permitida. (INSTAGRAM, 2018b, grifo nosso)

<sup>33</sup> Mastectomia na tradução.

Os conteúdos denunciados são avaliados e excluídos ou não da rede. Em entrevista à BBC<sup>34</sup>, o CEO Kevin Systrom defendeu que a medida é um exigência da Apple Store, loja online na qual o aplicativo pode ser baixado. Excluindo imagens de nudez, seria então possível reduzir a faixa etária de uso da rede social.

Acessando as Diretrizes da Comunidade<sup>35</sup> do Instagram, é possível encontrar um apelo aos usuários para que ajudem a fiscalizar o cumprimento dessas normas:

Todos somos uma parte importante da comunidade do Instagram. Se você acredita ter visto alguma coisa que possa violar nossas diretrizes, ajude-nos usando nossa opção de denúncia incorporada. Temos uma equipe global que analisa as denúncias e trabalha o mais rápido possível para remover o conteúdo que não segue as nossas diretrizes. Mesmo que você ou alguém que conheça não tenha uma conta do Instagram, vocês podem fazer uma denúncia. Quando você concluir a denúncia, tente fornecer o máximo de informações possíveis, como links, nomes de usuários e descrições do conteúdo, para que possamos encontrá-lo e analisá-lo rapidamente. Poderemos remover publicações inteiras caso as imagens ou legendas associadas violem nossas diretrizes. (INSTAGRAM, 2018b)

Apesar de não ser descrita claramente a forma como acontece as avaliações das imagens, algumas reportagens já entrevistaram moderadores de conteúdo de redes como o Facebook. Em entrevista à BBC Brasil<sup>36</sup>, um dos funcionários da empresa relatou que trabalhava oito horas de segunda a sexta-feira moderando conteúdos denunciados por usuários da rede. A meta diária era a revisão de 3.500 postagens. Eles poderiam “apagar, ignorar ou encaminhar a publicação para a avaliação superior - o que ocorre especialmente em casos de suicídio ou pedofilia, que por sua vez são encaminhados a autoridades” (SENRA, 2017). As decisões dos moderadores, que eram sempre pautadas de acordo com a política interna da empresa, serviam para ensinar o algoritmo da rede social. Assim, ele supriria a função dos funcionários, trabalhando de forma ágil e identificando os conteúdos inapropriados por meio de softwares de reconhecimento de imagens e textos. No blog do Instagram<sup>37</sup>, a rede anuncia ter equipes monitorando os conteúdos postados e as denúncias durante 24 horas todos os dias da semana.

---

<sup>34</sup> Disponível em <<http://www.bbc.co.uk/newsbeat/article/27676072/instagram-defends-nudity-rules-after-nipple-ban-protest>> Acesso em: 13/04/2018

<sup>35</sup> Disponível em:

<[https://help.instagram.com/477434105621119/?helpref=hc\\_fnav&bc\[0\]=Ajuda%20do%20Instagram&bc\[1\]=Central%20de%20privacidade%20e%20seguran%C3%A7a](https://help.instagram.com/477434105621119/?helpref=hc_fnav&bc[0]=Ajuda%20do%20Instagram&bc[1]=Central%20de%20privacidade%20e%20seguran%C3%A7a)> Acesso em: 13/04/2018

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-41912670>> Acesso em: 15/04/2018

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://instagram-press.com/blog/2017/05/07/find-your-support-community-on-instagram/>> Acesso em: 15/04/2018

Partindo dos resultados da pesquisa, compreendemos que, apesar da irregularidade na censura das imagens, a *hashtag* é uma importante zona de experimentação e confronto com as diretrizes da rede. Sua constante alimentação torna difícil a censura total de seu conteúdo. Ao realizar essa imersão na rede e coleta dos dados, foi possível perceber que o conteúdo das imagens não era um fator relevante para a análise, pois quaisquer figuras, sejam de seios femininos, mamilos masculinos ou até mesmo objetos eram deletadas do perfil. Sendo assim, fomos instigados a procurar outros métodos que conseguissem fornecer mais informações sobre como o sistema do Instagram age sobre as postagens.

O objeto deste trabalho se tornou a análise das próprias ações do Instagram em relação às imagens associadas a essa *hashtag*. A teoria fundamentada foi de grande importância como metodologia a ser aplicada nessa pesquisa, já que o método precisava se adaptar constantemente de acordo com os resultados obtidos. Mas de que forma seria possível coletar dados sobre as ações da rede em relação as postagens? O próximo capítulo reúne uma série de dados coletados em uma pesquisa experimental na rede, na qual imagens foram postadas em uma conta sem seguidores para observar as suas permanências.

### 3 EXPERIMENTAÇÕES NO INSTAGRAM

Segundo Gil “a pesquisa experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto” (GIL, 2002, p. 47). De acordo com o autor, ao “experimentar com objetos sociais, ou seja, com pessoas, grupos ou instituições, as limitações tornam-se bastante evidentes” (GIL, 2002, p. 47). Ao misturar variáveis matemáticas com sociais, como nesta pesquisa, a intenção não é estabelecer resultados objetivos, concretos e imutáveis. Mas sim, entender que até mesmo os cálculos e linguagens numéricas são compostos por fatores instáveis - inclusive compostos por fatores sociais.

Esse capítulo será dividido conforme o fluxo em que ocorreu a pesquisa desenvolvida, utilizando como base os passos elaborados por Gil (2002) que compõem uma pesquisa experimental. Aqui cabe também ressaltar que, apesar de utilizar como suporte o método rigidamente científico, o experimento em nosso trabalho se aproxima de uma experimentação com o próprio método além das experimentações com o objeto.

#### 3.1. CONSTRUINDO HIPÓTESES

Ao nos depararmos com os dados expostos no subcapítulo anterior, algumas conclusões foram importante para construção das hipóteses levantadas aqui. Primeiro, nenhuma das imagens relacionadas a *hashtag* “Free the Nipple” conseguia permanecer mais de três dias na busca efetuada pela *tag* no Instagram, independente dos seus conteúdos. Segundo, tais imagens, mesmo desaparecendo da busca pela *hashtag*, continuavam expostas nos perfis pessoais daqueles que haviam postado.

Conseguimos pressupor a partir disso que a censura recai fortemente sobre a *hashtag*. Já mapeada pelo Instagram como relacionada a conteúdos não permitidos na rede, ela é reprimida sem que as imagens passem por um crivo individual. Já nas páginas em que foram postadas, as imagens não tem grandes alcances em perfis de indivíduos com poucos seguidores e, por isso, podem não causar “incômodo” ao monitoramento da rede.

Portanto, o Instagram poderia agir somente através das denúncias as imagens. Sendo a denúncia realizada por outros perfis diretamente na imagem que considerassem ofensiva ou



através de uma denúncia não intencional do próprio usuário, ao descrever a sua imagem utilizando uma *hashtag*.

Para esclarecer essa teoria, optamos por criar um perfil no Instagram bloqueado para seguidores, no qual somente as pessoas com nossa aprovação poderiam seguir o perfil e visualizar as fotos. Assim, podemos garantir que as fotos foram retiradas pelo monitoramento da rede social e não por denúncias de outros perfis as fotos da página.

### 3.2. OPERACIONANDO AS VARIÁVEIS

Através da conta criada no aplicativo, oito edições de uma mesma imagem de seios foram publicadas. A foto retirada da internet<sup>38</sup> mostrava de forma clara um busto nu. Além da publicação da imagem original recortada para mostrar somente a área dos seios, as outras sete cópias foram editadas de diferentes formas: uma com close no mamilo, de forma a enquadrar somente parte do seio na imagem; outra foi postada com uma rotação de 90°, da horizontal para a vertical; outras quatro receberam a aplicação de filtros coloridos e, na última, duas figuras foram colocadas na região dos mamilos para tapá-los.

Figura 3: *Print Screen* da imagem publicada na conta do Instagram

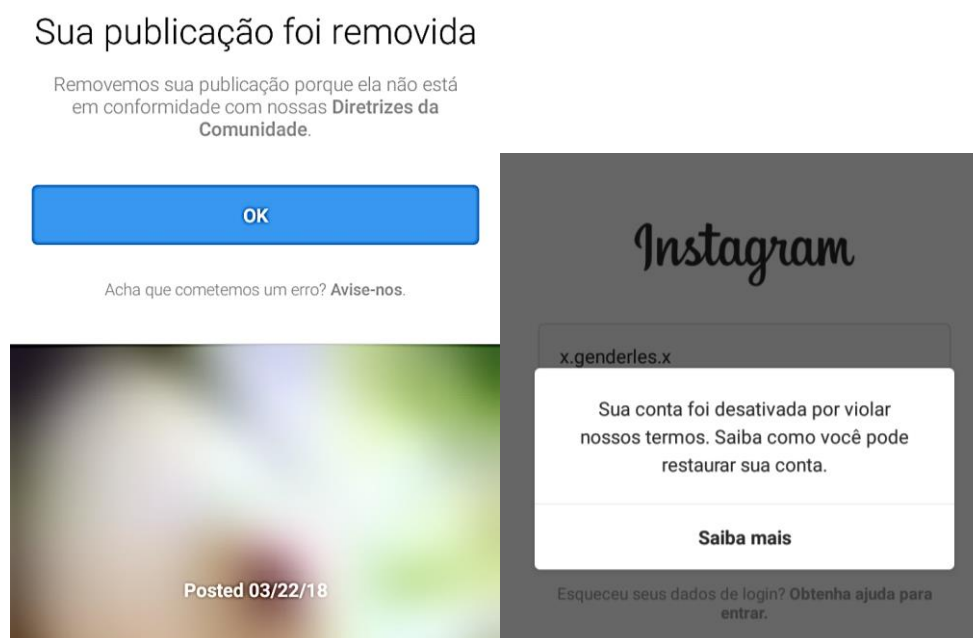


Fonte: WERLANG, 2018

<sup>38</sup> As fotos representadas nas imagem dessa pesquisa foram retiradas de uma pesquisa por imagens no Google e do Instagram e são de acesso público. Mesmo assim, para evitar a identificação das pessoas retratadas sem o seu consentimento para fins de pesquisa, todas as imagens de continham rostos e nomes foram encobertas.

Sete delas foram retiradas da rede pelo Instagram menos de um minuto após sua postagem por não estarem de acordo com as diretrizes da comunidade. A única imagem publicada que permaneceu no ar foi a que cobria os mamilos com um desenho. A conta foi bloqueada permanentemente pelo Instagram após a postagem das imagens.

Figuras 4 e 5: *Print Screen's* dos alertas de remoção da imagem e desativação da conta

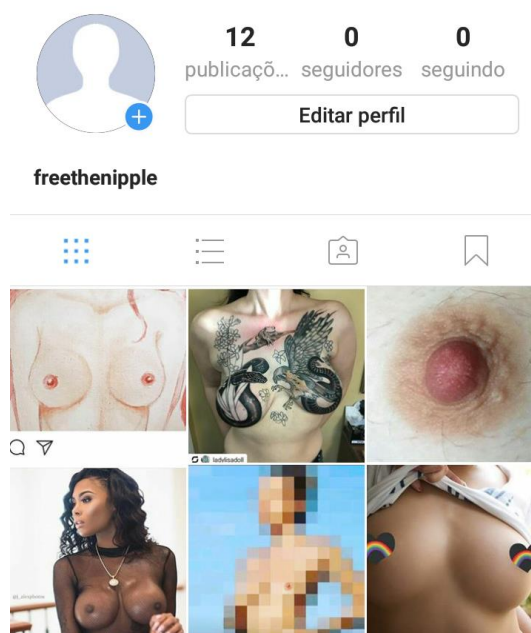


Fonte: WERLANG, 2018

Após esse resultado, uma nova conta foi criada. Imagens coletadas na rede social, encontradas na busca pela *hashtag* “Free the Nipple” e *mastectomy*, que estavam disponíveis publicamente em diferentes páginas de usuários foram copiadas e postadas nesse novo perfil. Entre desenhos de seios, closes de mamilos e fotos de mastectomia, nenhuma das fotos foi retirada do ar.

Em uma segunda leva de testes com as mesmas imagens nesse perfil, todas elas receberam em suas legendas a *hashtag* “Free the Nipple”. Apesar de não terem sido excluídas da conta, ao pesquisar pela *hashtag* no Instagram não era possível encontrar nenhuma das imagens, mesmo logo após suas postagens.

Figura 6: *Print Screen* do novo perfil do Instagram e as imagens postadas



Fonte: WERLANG, 2018

Nesse mesmo perfil, as imagens anteriormente postadas na antiga conta deletada foram publicadas novamente. Em uma primeira leva de postagens, todas elas foram deletadas pelo Instagram, com a exceção da mesma imagem dos seios cobertos pelas duas figuras de coração. Em uma segunda tentativa com as mesmas imagens, com pequenas alterações nos filtros disponíveis no Instagram aplicados, mais uma imagem permaneceu no ar, desta vez sem cobrir os seios. A conta durante todo o segundo experimento permaneceu no ar, sem ser desativada mesmo após a remoção de várias imagens.

O nome da segunda conta permaneceu como “Free the Nipple”, em uma provocação a associação com a *hashtag*. Porém, diferentemente da primeira conta intitulada “genderlessss”, que foi bloqueada e deletada da rede social, a provocação parece não ter gerado efeito nos resultados do teste.

### 3.3. INTERPRETANDO OS DADOS

Com os dados obtidos, é possível observar que a censura é extremamente modular, tornando ainda mais difícil descobrir de que forma ela age sobre as imagens. De certa forma, é desfavorável as ações do movimento não saberem como funcionam os mecanismos de censura, pois assim não há como elaborar estratégias em um terreno desconhecido. Por outro

lado, ao identificar de forma objetiva como burlar essa censura, torna-se mais fácil para os sites de redes sociais corrigirem seus sistemas para capturar também essas novas imagens.

Esse trabalho pode, e tem o objetivo, de tornar mais visíveis tais ações em rede. Apesar de não apresentar uma conclusão concreta sobre como operam esses algoritmos, aprendemos que a sua regularidade é a diferença. Eles agem, assim como pressuposto por Foucault (1987) e Deleuze (1992) nas sociedades de controle, de maneira modular, tornando ainda mais difícil escapar de uma rede tão maleável. Uma vez que é possível estabelecer uma brecha nesse sistema, essa falha será ajustada.

As imagens, quando postadas nos perfis com baixo alcance para outros usuários, como era o caso do experimento, quebram mais facilmente essa barreira censora. Porém, é justamente o seu baixo alcance que preocupa ao tentar efetivar realmente uma mudança na rede. Fotos em perfis com mais de mil seguidores, como é o caso das cantoras e outras artistas que postaram imagens nuas no Instagram, são regularmente censuradas.

Também é possivelmente pelo alcance que há uma censura a todas imagens na busca pela *hashtag* “Free the Nipple” no Instagram. Apesar de não serem analisadas uma a uma, para identificar se naquelas fotos há realmente a representação de seios femininos que não se enquadrem nas leis de uso do aplicativo, todas sofrem censura por estarem vinculadas a *hashtag*. Parece aqui que o Instagram percebe uma facilidade de vincular certas imagens em torno das *hashtags*. Elas poupam trabalho ao reunir imagens que estão vinculadas ao mesmo assunto pelo próprio usuário. Assim, apesar de haver imagens não censuráveis dentro da *hashtag*, elas estão vinculadas a uma ideia proibida da rede e são censuradas da mesma forma. A censura em bloco a todas imagens é uma facilidade encontrada pela rede enquanto parecem não ter encontrado ainda uma forma mais modular para identificar o conteúdo das imagens.

Mesmo assim, a *hashtag* é um importante campo de experimentação dentro das redes sociais online. Alimentada constantemente, ela consegue de certa forma ultrapassar a censura em velocidade nas suas postagens. Podemos ver, por exemplo, no mês de janeiro da coleta de dados apresentada no subcapítulo 2.2, uma eficácia maior do Instagram ao conseguir eliminar todas imagens contendo a *hashtag* “Free the Nipple”. Porém, durante os outros períodos de coleta, o fluxo grande de postagens rompia a barreira do Instagram mostrando nas buscas realizadas inúmeras imagens associadas a *hashtag*.

Essas imagens associadas a *hashtag* têm grande potência ao testar os códigos do Instagram e ajudar a revelar de que modo age a moderação e os algoritmos da rede social. Mesmo aquelas que representam corpos e objetos que não se enquadram na censura são

importantes para ajudar a desvendar as estruturas da rede. O conteúdo das imagens dentro da *hashtag* não é relevante aqui, e sim o constante incômodo que o fluxo constante de postagens causa. O controle por modulação do Instagram recai sobre a *hashtag* de forma a conter esse fluxo e a *hashtag* está ali como forma de lembrar constantemente os mecanismos censores e como eles atuam de forma inflexível sobre as postagens.

Mas o que permite que sites como o Instagram obtenham políticas de censura ao corpo feminino como esta? Indo mais a fundo no debate sobre a censura das imagens de seios, precisamos rever por quais motivos elas são caracterizadas como objetos de censura dentro e fora do mundo virtual. No próximo capítulo, discutiremos o sexo como tecnologia de controle social. Também traçaremos um panorama sobre os significados que o sexo, e mais especificamente os seios, apresenta ao longo da história, com o objetivo de desnaturalizar nossas concepções sobre o corpo.

#### 4 GÊNERO NA SOCIEDADE DE CONTROLE

Ao traçar uma linha, dos regimes monarcas aos regimes democráticos, podemos distinguir formas de controle diferentes (e muitas vezes coexistentes) sobre as sociedades. Foucault (1987) anuncia a passagem das “sociedades soberanas” às “sociedades disciplinares” através dos novos mecanismos de vigilância das populações. A punição em praça pública é deslocada para o confinamento das prisões. Além disso, outras prisões são formadas: a fábrica, a sala de aula, os hospitais e até mesmo a família. Os mecanismos das “sociedades disciplinares” calculam “tecnicamente a vida, em termos de população, de saúde ou de interesse nacional. Esse é, aliás, o momento preciso em que uma nova clivagem, heterossexual/homossexual, apareceu” (PRECIADO, 2011, p.12). É importante ressaltar que a heterossexualidade tratada aqui não é sinônimo da prática sexual, mas “um regime político que faz parte da administração dos corpos e da gestão calculada da vida no âmbito da biopolítica” (PRECIADO, 2011, p. 12).

Preciado vai caracterizar o ano de 1950 como um ano de “ruptura no regime disciplinar do sexo”. (PRECIADO, 2011, p. 13) A noção de gênero começa a ser utilizada para dar conta das expressões de uma “consciência” que transcende o corpo. Médicos como John Money trabalham para medicalizá-los em torno de uma noção de coerência entre o sexo, o gênero do sujeito e o desejo (BUTLER, 2000). Duas vias se abrem: (a) a da oportunidade de modificação dos corpos em benefício de configurações mais plurais e da quebra de uma conformidade entre sexo e gênero; (b) a partir da possibilidade de intervir no sexo que será possível investir em uma normalização em massa de corpos, de forma a padronizá-los através de adequações em torno de uma ideia fundante de heterossexualidade. Preciado (2011) vai comparar os avanços das técnicas medicinais de Money quanto ao sexo aos avanços que Henry Ford proporcionou ao capital. “O Império dos Normais, desde os anos 1950, depende da produção e da circulação em grande velocidade do fluxo de silicone, fluxo de hormônios, fluxo textual, fluxo das representações, fluxo de técnicas cirúrgicas, definitivamente, fluxo dos gêneros.” (PRECIADO, 2011, p. 13)

É a tecnologia e seus avanços que vão anunciar a passagem da “sociedade disciplinar” para a “sociedade de controle”. Assim como descrito no capítulo dois, a regulação passa de um enquadramento em moldes a uma modulação flexível, mas que ainda torna indivíduos membros de uma massa. Assim como uma tela maleável, o controle está presente em todos

momentos de nossas vidas, não sendo de domínio somente das instituições. Preciado vai caracterizar a sexopolítica como

[...] uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela, o sexo (os órgãos chamados 'sexuais', as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida. (PRECIADO, 2011, p. 11)

Nesse cálculo do poder entram as somas de um esquema complexo de forças que provêm das relações sociais desiguais, as quais vão ter como produto os corpos. Mas não como um produto final rígido, pois

no interior desses processos e estruturas, há espaço para um conceito de agência humana, concebida como a tentativa (pelo menos parcialmente racional) para construir uma identidade, uma vida, um conjunto de relações, uma sociedade estabelecida dentro de certos limites e dotada de uma linguagem - uma linguagem conceitual que estabeleça fronteiras e contenha, ao mesmo tempo, a possibilidade da negação, da resistência, da reinterpretação e permita o jogo da invenção metafórica e da imaginação. (SCOTT, 1995, p.86)

O sexo, ao ser inserido no discurso, tomado como instrumento de análise e definido através de normas sociais, passa a ser instrumento de normalização dos corpos. O sujeito, antes mesmo de nascer, já é atravessado pelas lógicas desse sistema que classifica os corpos entre os inteligíveis e os abjetos (BUTLER, 2000). O sexo, como tecnologia de controle dos corpos, age de forma modular através de um fluxo entre gêneros por intermédio das cirurgias, harmonizações... Porém, mantém invisível a primeira mesa cirúrgica pela que o corpo passa, esta que define simbolicamente as fronteiras entre sexos. Uma vez invocado o corpo como sexuado e estabelecidos seus padrões de referência, é a máquina heteronormativa que vai agir na produção dos sujeitos (PRECIADO, 2017).

Neste capítulo, iremos abordar com mais profundidade as noções de gênero e sexualidade necessárias para entender a problemática da censura sobre o corpo feminino. A partir de perspectivas pós-estruturalistas de autores como Butler (2000), Preciado (2017 e 2011) e Scott (1995), buscaremos refutar o essencialismo ao abordar o corpo feminino. Ao invés de naturalizar os corpos com o objetivo de buscar na nudez algo sacro, o sexo vai ser abordado como sinônimo de tecnologia e toda naturalidade atribuída aos corpos, quando inseridas suas materialidades na ordem do discurso, refutadas. Nesse sentido, a ideia é não cair em armadilhas que aprisionem os significados de corpo novamente. Uma volta à

identidade fixa seria excludente em relação a tantas outras que permanecem fora desse sistema.

#### 4.1. SEXO COMO TECNOLOGIA

Preciado, ao elaborar o Manifesto Contrassexual (2017), vai radicalizar as concepções sobre natureza e artificialidade. Para Preciado (2017), podemos analisar a história da humanidade através de uma história das tecnologias. Se observarmos desde a pré-história até os dias atuais, somos agentes e produtos das relações com as tecnologias, sociedades e outros sistemas, sendo o sexo uma dessas tecnologias. A “natureza” seria condicionada pelas relações humano/animal, corpo/máquina, orgânico/plástico. Seria papel do sistema heterossexual operar uma fragmentação dos corpos e sua diferenciação em prol de uma construção de diferenças sexuais que relacionaram materialidades com as novas simbologias do feminino e masculino (PRECIADO, 2017).

Apesar de o sexo ainda ser materializado como uma verdade dos corpos, ocupando o local de natureza para a biologia e outras instituições, uma análise contrassexual definiria a sexualidade quanto a uma tecnologia inscrita sobre os corpos. Os elementos compostos dentro do sistema sexo/gênero

[...] denominados ‘homem’, ‘mulher’, ‘homossexual’, ‘heterossexual’, ‘transexual’, bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios... (PRECIADO, 2017, p. 22)

O movimento de Preciado seria o inverso de naturalizar tais práticas sexuais ou concepções sobre o gênero. “A contrassexualidade [...] apela a uma queerização urgente da ‘natureza’” (PRECIADO, 2017, p. 40). Ao invés de tornar naturais lógicas que destoam do padrão heterossexual masculino, o processo seria evidenciar que esse padrão também é artificial, produto das tecnologias de sexo/gênero. “O que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições” (PRECIADO, 2017, p. 27). Ao tentar ressignificar esses sistemas é possível desvendar seus agenciamentos e evidenciar suas contradições. Preciado vai assim demonstrar que a própria existência de métodos para reatribuir o sexo comprova a artificialidade e ineficácia do primeiro sistema simbólico de atribuição:



As operações mais conhecidas sob o nome de cirurgia de mudança de sexo e de reatribuição sexual, que são popularmente estigmatizadas como casos limite ou exceções estranhas, não passam de mesas secundárias nas quais se renegocia o trabalho de recorte realizado sobre a primeira mesa de operações abstrata pela qual todos nós passamos. A própria existência das operações de reatribuição ou mudança de sexo, assim como os regimes de regulação legal e médico que estas suscitam, são a prova de que a identidade sexual ('normal') é sempre e em todo caso o produto de uma tecnologia biopolítica custosa. (PRECIADO, 2017, p. 128)

Órgãos sexuais, como seios, pênis e vagina, explicitam a simbologia por trás dos recortes produzidos sobre os corpos. Todos os três estão conectados simbolicamente à reprodução, com o objetivo da relação sexual. A partir dos anos cinquenta e da ruptura no regime sexual, dois modelos de produção do sexo irão surgir. O primeiro está fundamentado na divisão do trabalho sexual e reprodutivo e corresponde ao modelo capitalista industrial. O segundo modelo corresponde ao capitalismo pós-industrial, “caracteriza-se pela estabilidade do pênis como significante sexual, pela pluralidade das performances de gênero e pela proliferação das identidades sexuais que coexistem com o imperialismo e a globalização do pênis” (PRECIADO, 2017, p. 142-143). Esse modelo é fundamentado principalmente na aparência dos órgãos sexuais e não mais na reprodução como objetivo. Mesmo surgindo em épocas diferentes, ambos padrões ainda se mantêm atualmente.

Já os seios femininos nem sempre foram alvo de erotismo, como veremos no subcapítulo 4.2.1. “Em 1350, o seio era um símbolo religioso; por volta de 1750, foi erotizado e medicalizado, de modo que já não seria mais utilizável, nem foi mais utilizado, como um símbolo religioso” (MILES, 2008, p. 9, apud SIBILA, 2014, p. 39). A condição simbólica é mutável conforme o tempo e local inseridos.

Preciado vai afirmar ainda que desejo e prazer também são produtos da tecnologia sexual “que identifica o órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade” (PRECIADO, 2017, p. 23). Os corpos, fora das categorias de sexo/gênero, devem ser reconhecidos como sujeitos falantes, estando abertos a quaisquer possibilidades significantes. Quaisquer movimentos que desestabilizam e invertem lógicas de regulação do sexo compõem a contrassexualidade, mesmo quando vindos de corpos masculinos em relações heterossexuais. Performar atos que estejam em conformidade com a norma também não é necessariamente um reforço dessa lógica. Assim como o uso do dildo em uma relação lésbica não identifica a falta do falo, mas sim denuncia sua plasticidade. “Se o dildo é disruptivo, não é porque permite à lésbica entrar no paraíso do falo, mas porque mostra que a masculinidade está, tanto quanto a feminilidade, sujeita às tecnologias sociais e

políticas de construção e de controle” (PRECIADO, 2017, p.78). Mostrar como as práticas estão sujeitas às tecnologias não pressupõe uma naturalidade fundante que pode ser exposta após revelar os agenciamentos sobre os corpos.

Aparelhos e técnicas que surgem com o intuito de produzir regulações sobre o sexo também podem ser reapropriados de forma a agirem como reveladores da artificialidade do sistema. O dildo não é uma cópia do falo com o objetivo de suprir a necessidade de um em relações sexuais, mas sim é o próprio falo no sentido de demonstrar sua plasticidade (PRECIADO, 2017).

Todas essas técnicas (genitortura, aparelhos de restrição, cinta peniana) foram extraídas de tecnologias específicas do gênero (de produção da feminilidade ou da masculinidade heterossexual) e da espécie (de produção da normalidade humana ou da animalidade doméstica), assim como de suas práticas e discursos médicos, reprodutivos e morais, e foram recontextualizadas no interior de sistemas *queer* de relação corpo-objeto. (PRECIADO, 2017, p. 110)

Sendo assim, no próximo subcapítulo debateremos, em uma espécie de panorama, os agenciamentos de significados que os corpos sofreram ao longo dos anos, a partir de sua sexualização. Pretendemos apontar aqui uma não naturalidade fundante dos corpos e seus atos, pois “não existe nenhuma realidade social para uma dada sociedade fora de seu sistema particular de sexo-gênero (as categorias mutuamente exclusivas e exaustivas de masculino e feminino)” (LAURENTIS, 1987, p. 237). O movimento entendido aqui é dar a ver representações que estão implícitas no espaço representado.

#### 4.2. O SEXO E SUA INSCRIÇÃO SOBRE OS CORPOS

Como discutido no subcapítulo anterior, o sexo, para além do discurso biológico, "é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias, práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana" (LAURENTIS, 1987, p. 208). Para além disso, o sexo é uma das próprias tecnologias de normalização dos corpos, sendo inscrito sobre eles e não existindo para fora do discurso. Tal norma regulatória, produzida pelo sistema sexo/gênero, além de atravessada por tantos outros, pressupõe um sistema alinhado de sexo/gênero/desejo,

as práticas cotidianas reafirmam e naturalizam, ecoam e ampliam, em múltiplos espaços e situações, a sequência que supõe que a identificação de um sujeito como macho ou como fêmea deve determinar seu gênero, masculino ou feminino, e também seu desejo pelo sujeito de sexo/gênero oposto. (LOURO, 2008, p. 90)

Essa lógica categorizante ocidental, que opera por meio de binarismos homem/mulher, macho/fêmea, homo/hétero, elege como “fundante ou como central uma ideia, uma entidade ou um sujeito, determinando, a partir desse lugar, a posição do ‘outro’, o seu oposto subordinado. O termo inicial é compreendido sempre como superior, enquanto que o outro é o seu derivado, inferior” (LOURO, 2001, p. 548). Tais categorias só existem em contraponto. A construção dos sujeitos, da sua identidade aos significados sobre a materialidade de seu corpo, será fruto da constante negociação entre estas fronteiras de homem/ mulher, natureza/cultura, homem/animal, máquina/homem.

Sendo assim, sexo/gênero não seriam categorias duais rígidas, mas um espectro de várias nuances das quais as fronteiras não conseguimos definir claramente. O gênero não é apenas “o efeito da representação, mas também o seu excesso, aquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação” (LAURENTIS, 1987, p. 209). É por esse motivo que Joan Scott vai afirmar que

'homem' e 'mulher' são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas. (SCOTT, 1995, p.93)

É através das ressignificações ao longo do tempo que é possível perceber o quanto o gênero e o sexo são categorias que transbordam conceitos. Foi entre o século XVII e o XIX que o avanço de uma metafísica materialista fez crescer a tendência de pensar o ser humano como coisa, matéria possível de classificação de acordo com sua aparência e local ocupado no espaço e no tempo (NICHOLSON, 2000).

[...] o crescimento da metafísica materialista não criou uma distinção masculino/feminino. Tal distinção obviamente existia na Europa ocidental antes da emergência daquela metafísica. Mais do que isso, uma atenção a diferenças físicas teve seu papel no sentido dessa distinção. O crescimento da metafísica materialista, porém, também provocou mudanças — mudanças na importância das características físicas e em seu papel. Basicamente, essa metafísica transformou o sentido das características físicas, que de sinal ou marca da distinção masculino/feminino passaram a ser sua causa, aquilo que lhe dá origem (NICHOLSON, 2000, p. 18).

Uma versão binária entre o corpo feminino e masculino surgiu somente na literatura do século XVIII, sendo antes o corpo unissexuado, graduado entre os mais inferiores e menos desenvolvidos (femininos), e os superiores com falo desenvolvido (masculinos). Quando dividida em dois sexos, o intermédio entre eles foi apagado. Os interssexuais passaram a ser caracterizados como corpos deformados, dos quais os médicos deveriam se preocupar em revelar o seu verdadeiro sexo (NICHOLSON, 2000). Nicholson (2000) vai explicar que, em um momento no qual textos bíblicos estavam perdendo sua autoridade perante a população, outra ordem teve que interferir para manter a binariedade entre homem/mulher. A natureza de sexos distintos segundo uma materialidades do corpo foi usada então para suprir uma ideia fundante para os papéis sociais de ambos os sexos em sociedade.

O conceito de gênero será discutido exaustivamente a partir do século XIX. Além da medicina incorporar o gênero avançando em relação à medicalização e cirurgias de adequação do sexo, os movimentos feministas vão se apropriar do gênero como base identitária do movimento. A partir da chamada “segunda onda”<sup>39</sup> do movimento feminista, militantes e teóricas feministas se questionarão sobre as concepções de gênero, utilizando o conceito como maior recurso para explicitar as diferenças entre homens e mulheres. Assim como feito por Money (PRECIADO, 2011), o gênero vai adquirir caráter de formação cultural, sendo distinguido do sexo, ainda ligado a uma biologia do corpo. O gênero entraria em questão para suplementar o conceito do sexo (NICHOLSON, 2000).

A partir desse ponto de vista, para algumas das feministas torna-se “confortável” assumir que há diferenças entre as mulheres em alguns aspectos, como personalidade e comportamento, mas permanece uma característica (de sexo) que as une como um grupo, tornando dualismos como homem e mulher, opressor e oprimido, mais fáceis de serem traçados. As teorias feministas de base identitária são problemáticas ao produzirem “um significado permanente ou inerente para o corpo humano - fora de uma construção social ou cultural - e, em consequência, a a-historicidade do próprio gênero.” (SCOTT, 1995, p.78). Apesar das experiências concretas e das materialidades do corpo serem importantes para uma análise social, não podemos torná-las fixas e universais.

---

<sup>39</sup> Teóricas que pesquisam gênero, como Nicholson (2000), dividem o movimento feminista em fases marcantes de sua história. A partir de uma visão europeia e norte-americana, a primeira “onda” do movimento teria iniciado com as feministas sufragistas, que lutavam pelo direito ao voto e inserção da mulher na vida pública da sociedade. Depois, já no final dos anos 60 (NICHOLSON, 2000), as feministas da segunda onda ganham força, principalmente no âmbito acadêmico. Joan Scott (1995) as caracteriza como teóricas do patriarcado. Nessa fase, as feministas se apropriam do gênero como formação cultural e enraízam o sexo como biológico, origem de sua opressão pelo homem.

Ao acreditar numa certa verdade do sexo como fundante dos corpos, estes movimentos feministas caíram na armadilha da imutabilidade das diferenças entre homens e mulheres. Se o sexo é elemento constante e fundamental na construção dos corpos, e se esse sexo seria determinante na formação do sujeito - defendido aqui através do conceito de socialização -, não haveriam formas de escapar desse sistema? Nicholson (2000) explica que as feministas rejeitaram a ideia que o caráter emanasse da biologia, fazendo com que sua intelectualidade estivesse ligada ao sexo, porém acreditar em uma socialização a partir do gênero não nega a dependência do sexo, “em outras palavras, ainda veem o eu fisiológico como um ‘dado’ no qual as características específicas são ‘sobrepostas’, um ‘dado’ que fornece o lugar a partir do qual se estabelece o direcionamento das influências sociais” (NICHOLSON, 2000, p. 11).

O universalismo da figura mulher nas teorias feministas dos anos 70 teve forte reação por parte de grupos de negras, lésbicas e mulheres da classe operária (NICHOLSON, 2000). Estas mulheres criticaram as teorias clássicas pela falta de representação de suas realidades. As autoras feministas da época eram majoritariamente brancas, heterossexuais e de classe média, o que as fazia possuir privilégios sociais em relação às outras categorias de mulheres. Assim, foram necessárias novas teses que possuíssem ponderações quanto ao papel da mulher em sociedade.

É somente mais tarde, no final do século XX, com o avanço de teorias interseccionais de gênero e raça e das teorias *queer*, que a categoria gênero será usada como categoria de análise e não mais como uma verdade dos corpos. O gênero, em sua concepção relacional, parte da perspectiva de que não é possível compreendê-lo sem estar em relação com o seu oposto. “O uso de ‘gênero’ enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” (SCOTT, 1995, p.76). O gênero adquire seus significados do produto das ações do sujeito e da sociedade e suas interrelações. Ele emerge e é simbolizado dentro de contextos culturais, assim como é interpretado e limitado dentro de doutrinas religiosas, científicas, políticas. A partir de perspectivas pós-estruturalistas, será possível compreender um papel significativo dos sistemas de significação para a interpretação e representação do gênero (SCOTT, 1995).

Com base nas concepções de autores pós-estruturalistas, a teoria *queer* se desenvolve como instrumento para pensar essas práticas de construção do sexo/gênero e desconstruí-las. O sexo não é um “fato ou condição estática do corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas” (BUTLER, 2000, p. 154). Ele recorta e transforma a materialidade

dos corpos, atribui gêneros e impõe coerência de desejo conforme a lógica da reprodução sexual. Formado pelos mecanismos de saber/poder, ele age como uma inscrição das normas no corpo. Preciado vai descrever o corpo como um texto, “um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados” (PRECIADO, 2017, p. 26).

É através da reiteração forçada das normas através do tempo que o sexo passa a adquirir *status* de naturalidade, quando não há mais como acessar uma origem fundante.

A construção não apenas ocorre no tempo, mas é, ela própria, um processo temporal que atua através de reiteração. Como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu efeito naturalizado e contudo, é também, em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma. (BUTLER, 2000, p.163-164)

Ações cotidianas, como atribuir um gênero conforme o sexo de um recém-nascido, são práticas performáticas<sup>40</sup> que assimilam essas concepções e dão a elas caráter de naturalidade (BUTLER, 2000). O sujeito emerge no interior das relações de gênero e é formado por uma matriz excludente (BUTLER, 2000) que passará a classificar seus corpos dentro desse sistema.

Apesar de não haver um exterior absoluto em relação ao discurso e suas normas, é nas fronteiras do pensamento que é possível conciliar novas ideias e práticas em relação ao sistema. Assim como o essencialismo de um natural fundante, um construcionismo também seria determinante e anularia as possibilidades de agir do sujeito. Porém, o sujeito não é passivo diante das forças que agenciam seu corpo. Longe de um determinismo quanto aos sistemas sexo/gênero e suas inscrições nos corpos, tais dispositivos sexopolíticos serão reapropriados de diferentes formas (PRECIADO, 2011).

Podemos enxergar na reiteração das normas, nas próprias tecnologias que as constroem, suas fissuras para desconstrução.

---

<sup>40</sup> O conceito de performatividade, desenvolvido por Judith Butler ao longo de sua obra, foi fonte de especulações. Criticado por alguns autores que entendiam a performatividade como ação voluntária, deliberada pelo sujeito, o conceito é aprofundado pela autora em “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’” (2000). Butler escreve que “a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2000, p.111). O gênero é produzido de forma reiterada sobre os corpos, que não são passivos durante esse processo.

[...] a ambiguidade de gênero deve ser mantida - o que é um paradoxo aparentemente. Não podemos resolver ou eliminar a incômoda condição de estar ao mesmo tempo dentro e fora do gênero, seja por meio de sua dessexualização (tornando-se apenas uma metáfora, uma questão de *différance*, de efeitos puramente discursivos) ou de sua androginização (reivindicando a mesma experiência de condições materiais para ambos os gêneros de uma mesma classe, raça, ou cultura) (LAURENTIS, 1987, p. 219).

A multiplicidade e a subjetividade são pontos positivos para não cair em amarras identitárias. Mas como pensar em uma categoria sem unidade? Como seria possível refletir sobre as relações desiguais entre mulheres e homens sem definir quais corpos fazem parte delas? Limitar a mulher a certas características corporais ou psíquicas seria excludente de alguma forma. Nicholson (2000) vai sugerir que “pensemos no sentido de ‘mulher’ do mesmo jeito que Wittgenstein sugeriu pensarmos o sentido de ‘jogo’, como palavra cujo sentido não é encontrado através da elucidação de uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características” (NICHOLSON, 2000, p. 35).

Pensar “mulher”, assim como pensar “gênero”, seria fruto de um constante trabalho relacional, que deve considerar que aquelas categorias não estão fechadas.

Assim, sugiro pensarmos o sentido de mulher como capaz de ilustrar o mapa de semelhanças e diferenças que se cruzam. Nesse mapa o corpo não desaparece; ele se torna uma variável historicamente específica cujo sentido e importância são reconhecidos como potencialmente diferentes em contextos históricos variáveis. Essa sugestão, desde que se assuma que o sentido é encontrado, não pressuposto, assume também que a procura em si não é um projeto político ou de pesquisa que uma intelectual será capaz de executar sozinha em seu gabinete. Ele implica, na verdade, uma compreensão desse projeto como esforço necessariamente coletivo a ser feito por muitas, e em constante diálogo. (NICHOLSON, 2000, p. 36)

Esse pensamento é importante para conseguir a partir daqui enxergar os seios como um dos traços que compõe a categoria mulher, porém não engloba a todas e por isso não pode ser tomado como uma característica a unir a categoria. Ao conseguir pensar em um feminismo através de mapas de semelhança nunca definitivos e únicos, entendemos que não é necessário estabelecer os seios, assim como o útero, a vagina entre outros elementos biológicos assim como traços de conduta como identidades do movimento, e sim como campo de disputa no qual as ideias feministas devem ser aplicadas. Campanhas como “Free the Nipple” podem não se aplicar ao desejo ou identidade de todas as mulheres, mas são úteis a todas no sentido de desconstruir concepções machistas sobre seus corpos e sua liberdade.

No próximo subcapítulo nos aprofundaremos mais em uma história dos seios e suas simbologias, no sentido de desmistificar, desnaturalizar e desconstruir nossos olhares sobre o órgão.

#### **4.2.1. Da sacralidade à censura dos seios femininos**

O corpo e nossas concepções sobre ele, como fruto dos agenciamentos de significados, estão constantemente mudando, tanto ao longo do tempo como de acordo com o espaço e cultura em que esse corpo se insere. “A erotização dos seios femininos não é um fato universal, inscrito na mera biologia da espécie humana; tampouco se manifesta de forma idêntica em todas as culturas, e nem sequer permaneceu estável em nossa própria tradição” (SIBILIA, 2014, p.39). É possível perceber, por exemplo, através das pesquisas de Clellan Ford e Frank Beach, “que estudaram as práticas sexuais em 190 diferentes culturas no mundo, somente 13 entre elas conferiam um valor erótico aos seios, tendo seu aspecto físico um importante papel para a atração sexual masculina e sendo sua estimulação uma parte do ato sexual” (FORD; BEACH, 1951 apud SANDRE-PEREIRA, 2003, p. 474).

Paula Sibilía (2014) vai observar uma ruptura na forma como enxergamos a nudez a partir do século XV, no qual gradualmente a nudez começa a se tornar indecente. Antes expostas em Igrejas e locais públicos, as artes sacras que retratavam corpos nus passaram a ser proibidas através de uma retomada da Igreja Católica aos seus valores conservadores em reação ao avanço da Reforma Luterana (SIBILIA, 2014). Medidas duras quanto à ordem moral foram adotadas para conter os avanços modernos.

Foi vetado o casamento dos sacerdotes e divulgou-se uma lista de livros proibidos, por exemplo, bem como um decreto sobre as imagens sagradas que definiria como se devia representar o divino. Seguindo este último veredicto, ordenou-se a repressão daquelas imagens que “por seus excessos físicos ou carnais pudessem incitar o desejo de quem as contemplasse”, recomendando que não fossem ornamentadas “com formosura escandalosa” (Rodríguez Nóbrega, 2004, p. 12) [...] Já o IV Concílio Provincial Mexicano, de 1771, proibiria “pintar Nossa Senhora e as santas com decotes e vestiduras profanas que elas nunca usaram, seja com os seios descobertos, seja em poses provocantes, seja com adornos das mulheres do século” (Rodríguez Nóbrega, 2004, pp. 12 e 15). (SIBILIA, 2014, p.41)

Quadros, livros e esculturas foram censurados a partir daquela época, sendo rasurados para esconder as “imoralidades” presentes naquelas figuras. Paula Sibilía (2014) vai além,



associando o avanço do capitalismo a essas ações. Apoiados em uma reconfiguração da ética protestante, o pecado da avareza, que era combatido na Idade Média, é trocado pelo mais forte combate pelos católicos à luxúria (SIBILIA, 2014). Assim foi possível prosperar uma mentalidade capitalista de acúmulo de riquezas e de dedicação intensa ao trabalho.

Portanto, mesmo desencantadas de suas antigas potências religiosas, não há dúvida de que as visões dessa parte da anatomia feminina permaneceram férteis em significações. Só que estas se tornaram gradativamente de outra ordem: enquanto sua carga mística agonizava e desativavam-se suas potências comoventes no plano espiritual, o saber anatômico e a indústria pornográfica as foram capturando, até acabar envolvendo-as em suas próprias lógicas. (SIBILIA, 2014, p. 40)

Gilza Sadre-Pereira (2003) vai analisar a sexualização dos seios como parte recente da história ocidental, da qual na maior parte do tempo havia uma percepção de uma função estritamente alimentar. “Foi apenas no final da Idade Média que a nudez feminina e a visão do nu passaram a ser identificadas com o desejo e a ter a conotação erótica que conhecemos hoje” (SADRE-PEREIRA, 2003, p. 475). Em algumas culturas milenares ainda é possível reconhecer que os seios, ou a nudez de todo o corpo, não é alvo de tabus ou censura. Para Sadre-Pereira (2003), a mudança nas relações conjugais, estabelecidas por contratos em torno de heranças e família, para o estabelecimento de relações baseadas no “amor romântico” resignificaram o corpo. A sedução e o desejo agora fazem parte das relações de conquista do parceiro e o corpo deve obedecer a uma estética padronizada para gerar tais sensações. “As alterações que aparecem em termos da maneira de se vestir evidenciam essas mudanças, através do surgimento dos vestidos com decotes sensuais que valorizam os seios sem os desvelar completamente” (SADRE-PEREIRA, 2003, p. 475).

A prática do aleitamento materno por amas de leite também é relacionada a sexualidade da mulher e os tabus em relação a sexualidade. Culturalmente condenável na Europa durante os séculos XVII e XVIII, acreditava-se que o sexo durante a amamentação contaminaria o leite com esperma e poderia provocar a morte do recém-nascido (SADRE-PEREIRA, 2003). As mulheres de classes mais nobres da sociedade optaram então por contratar outras mulheres que pudessem amamentar seus filhos, não comprometendo os interesses do marido e mantendo relações sexuais. Os seios eram resguardados ou para a função sexual ou para a amamentação.

Ainda no final do século XVIII, alguns médicos procuravam encorajar as mulheres a amamentar seus filhos, tanto pelos fatores nutritivos ao desenvolvimento da criança quanto pelo prazer físico que aquela prática podia despertar, as vezes descritas de forma semelhante

ao orgasmo (SADRE-PEREIRA, 2003). Porém, no início do século XX já não se mencionava mais “o prazer ao falar sobre o aleitamento materno. Aparentemente, só a psicanálise se referia à existência de um tal prazer, chamando a atenção para o fato de que a amamentação é uma relação sexualizada, prazerosa para a mãe e psicologicamente fundadora para o bebê” (SADRE-PEREIRA, 2003, p. 476).

Parece que aqui uma certa moralidade dicotômica cai fortemente sobre a função dos seios. Uma hora usados com a função sexual, o estímulo dessa área erógena é fortemente apropriado dentro das relações sexuais, prática frequente na indústria pornográfica. Já a mulher mãe tem seu seio ressignificado dentro da relação com a amamentação, na qual ela deve se resguardar do sexo “impuro” que pode comprometer a função “sagrada” de prover alimento ao seu filho. Porém tais distinções não ocorrem de forma clara e podemos ver isso através de categorias pornográficas como MILFS<sup>41</sup>, que utilizam a maternidade como fetiche sexual, ou pela denúncia de imagens de mulheres amamentando nas redes sociais. O Facebook, por exemplo, antes de possuir uma distinção mais clara sobre a nudez que seria censurada pelos seus Padrões da Comunidade já havia deletado imagens de amamentação, enquadrando-as na mesma regra que proíbe pornografia (SIBILIA, 2014). Após protestos, a rede alterou suas regras para o monitoramento, que hoje enfatizam a permissão a conteúdos como estes.

Nossas políticas a respeito de nudez ficaram mais flexíveis com o passar do tempo. Entendemos que a nudez pode ser compartilhada por variadas razões, inclusive como forma de protesto, para conscientização sobre uma causa ou por motivos médicos e educacionais. Quando tal intenção fica clara, abrimos exceções para o conteúdo. Por exemplo, embora restrinjamos algumas imagens dos seios femininos que incluam o mamilo, permitimos outras imagens, incluindo as que mostram atos de protesto, mulheres engajadas ativamente na causa da amamentação e fotos de cicatrizes pós-mastectomia. Também permitimos fotos de pinturas, esculturas e outras obras de arte que retratem figuras nuas. (FACEBOOK, 2018b)

Em um estudo realizado por Sadre-Pereira (2003) e publicado na revista Estudos Feministas em 2003 foram entrevistadas 60 residentes no Brasil ou na França. A entrevista não diretiva tinha como assunto a maternidade e a sexualidade do casal pós-parto. O resultado dos estudos mostraram que há uma “persistência de uma noção ‘sacralizada’ da maternidade na construção da identidade feminina” (SADRE-PEREIRA, 2003, p. 477). Outra questão que aparece é a divisão do seio sexual e o seio maternal. Aparece na maior parte das falas dos

---

<sup>41</sup> Sigla para a expressão “Mothers I'd like to Fuck”

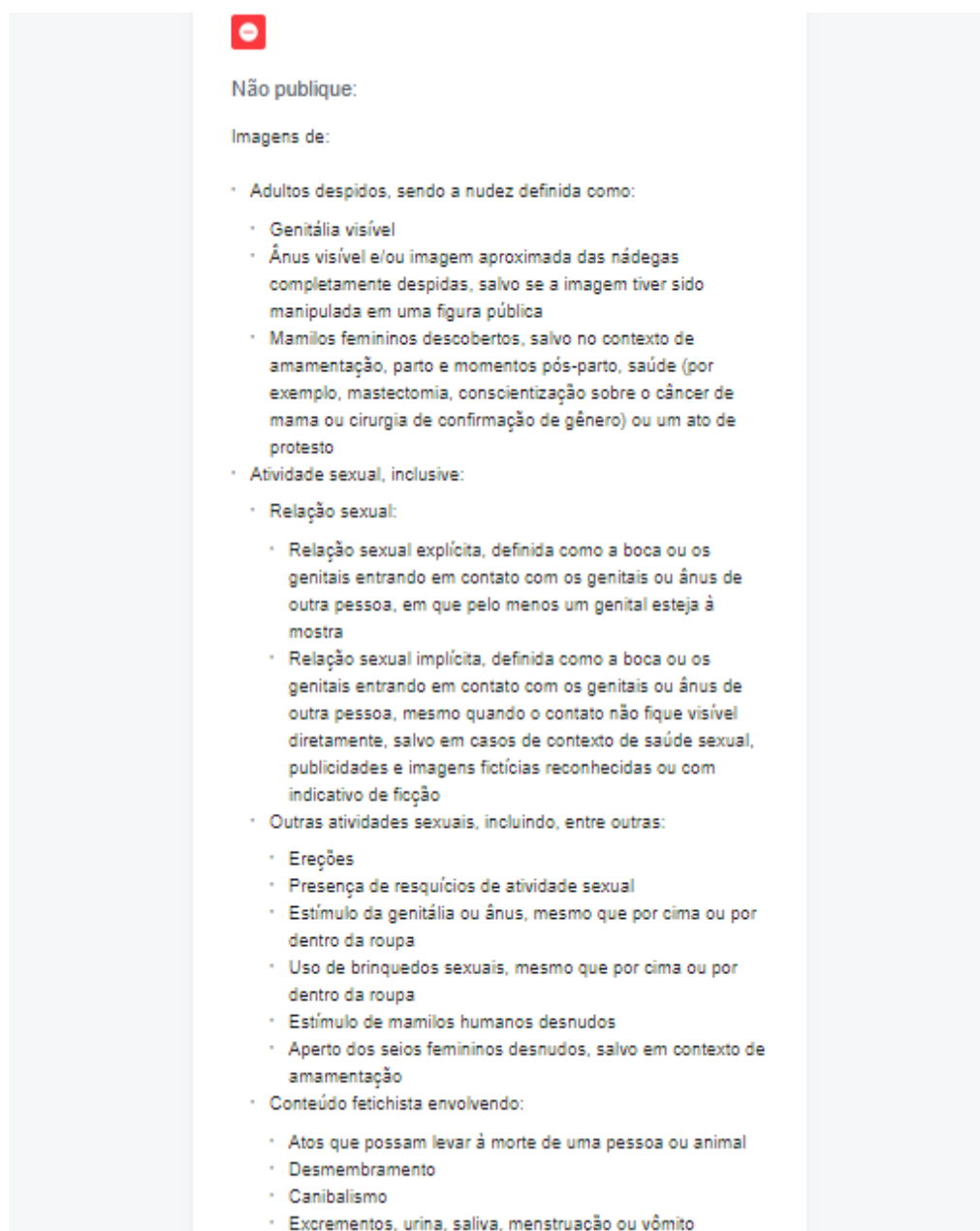
entrevistados um certo tabu ao falar do seios quando ligados a amamentação. Um dos entrevistados fala:

Eu creio que o fato de ver o bebê... perturba a dimensão erótica. Mesmo se é um seio, ele não tem mais um efeito provocador de... de alguma coisa. (...) A presença da criança ao seio... é um outro contexto, o seio muda de forma... é uma forma simbólica, ele entra em um outro registro... e daí não é mais a mesma coisa, não dá pra ver o seio da mesma maneira. (SADRE-PEREIRA, 2003, p. 479)

Em um mesmo tempo ou região, simbologias diferentes sobre o corpo coexistem. O contexto, as formas de relação do seio e suas funções modificam as percepções sobre ele. Há quem consiga relacionar o desejo sexual com a amamentação, porém essa dualidade nos discursos sobre o seio materno e o tabu sobre eles faz parte de “duas concepções características da tradição judaico-cristã: a ideia da maternidade sagrada e de que o seio materno torna-se intocável, perdendo simbolicamente seu valor erótico; e a ideia de que o sexo seria ‘não-sagrado’, impuro, desrespeitoso” (SADRE-PEREIRA, 2003, p. 479).

Podemos retomar aqui os Padrões da Comunidade do Facebook e Instagram. Em ambas redes sociais os seios femininos estão sujeitos a seu contexto na hora de classificar a censura.

Figura 7: Print Screen dos Padrões de Comunidade do Facebook



Fonte: FACEBOOK, 2018b

Podemos perceber a partir dessas normas que os seios femininos estão condicionados, na maior parte das vezes, a sua função sexual, sendo enquadrados em uma censura à pornografia assim como as genitálias e o ânus. Resguardam-se aqui as imagens que colocam o seio em outras relações como explícito na imagem (contexto de amamentação, parto, mastectomia), sendo atos de protesto parte dessa lista (será possível identificar a intencionalidade por trás das imagens?). As regras do Instagram permanecem mais rígidas, sendo essa última colocação não levada em conta nas suas políticas de uso.

Parece aqui que a noção sacra da nudez (ao permitir a amamentação ou imagens artísticas) ou talvez uma noção científica, medicalizante ou naturalizante (como também é o caso da amamentação ou da mastectomia) é o principal crivo da censura pelos quais os corpos passam. Porém não é possível conter todos esses sentidos. A sexualidade, assim como a menstruação, são dados classificados naturais, mas ainda sim censurados através de um silenciamento dos tabus. Cabe aqui retomar as ideias de Preciado (2017) assim como de outros autores e autoras presentes neste capítulo. Pois o sexo e todos seus sentidos não podem ser aceitos dentro do campo do natural. Da amamentação à zona erógena, os seios são campos de construção cultural e o sexo tecnologia de controle dos corpos (PRECIADO, 2017).

Uma apropriação do corpo pela pornografia e sua mercantilização pela publicidade, entre outros fatores que expõem nossos corpos atualmente, pode gerar uma falsa impressão de permissividade e liberdade, porém como podemos analisar através deste estudo o corpo é somente modulado através de várias amarras sociais. A censura sobre a exposição dos seios femininos no Instagram é sintoma desse processo. Os olhares sobre os seios são uma herança das concepções culturais retratadas neste capítulo entre tantas outras que escapam esse texto e estão em constante transformação.

Campanhas como a “Free the Nipple” podem ser tanto sintoma - assim como foram utilizadas nesse trabalho - como instrumento de mudanças na lógica da censura. Porém, é necessário refletir também quais invocações de significado dão sentido a busca pela liberdade de expor os seios em campanhas como essa.

Talvez se esteja fazendo um esforço, nesse terreno, por re-sacralizar, de algum modo, as imagens corporais em contato ativo com a rica memória imagética que nos constitui, procurando des-secularizar e até mesmo des-erotizar sua nudez. Quiçá se trate de desnudá-la por sua vez, para poder vê-la e vivê-la de outras formas ao imantá-la com novos sentidos e ao lhe conceder outras significações. Não é casual que esse campo hoje se encontre em ebulição, como dando conta de uma importante disputa: talvez se esteja gestando ali uma nova torção nos regimes de visualidade, uma transição rumo a outras formas de ver, viver e simbolizar a nudez corporal. (SIBILIA, 2014, p.52)

Mais do que uma análise do conteúdo das postagens e suas intencionalidades, o importante ao analisar o movimento “Free the Nipple” são as pistas que ele traz sobre os mecanismos da rede e a tentativa de desestabilizar o sistema de padrões da comunidade do site de rede social Instagram. A liberdade do teste e do jogo com as normas é o momento de maior liberdade quanto ao sistema.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho é resultado de uma empreitada em um terreno pouco nítido. Através de métodos experimentais, que permitem ao pesquisador maior liberdade no seu desenvolvimento, embarcamos nas estruturas dos códigos, tanto social quanto algoritmos. Os resultados aqui obtidos são tentativas de revelar um pouco mais das estruturas desses sistemas, que além de serem de difícil acesso são altamente mutáveis.

Através de todos os capítulos neste trabalho procuramos discutir os diversos atravessamentos que constroem nossos corpos. Dos códigos aparentemente inflexíveis das máquinas até a construção científica que procura uma verdade irreduzível, podemos perceber que não há nada que está por trás de fundamentalismos, ou palavras de ordem (DELEUZE, 2011). Quando analisamos os vários níveis de significância, em sua localidade, espacialidade e que também podem coexistir em diversos níveis, podemos entender que é a reiteração das normas que cria estas unidades fundamentais e é por meio dela que podemos desconstruí-las. É nas brechas dessa reiteração, por aquilo que fica nas margens, que podemos enxergar como ela é construída.

Em nossa passagem pelo capítulo 2, visitamos a problemática das palavras de ordem em forma numérica. São as máquinas, pretensamente objetivas quanto a seus códigos, que escondem ali ordens culturais entre outros atravessamentos. Podemos observar que é na estrutura das redes sociais que estão as modulações do sistema, e por isso há um filtro de conteúdo anterior ainda ao filtro operacionado pela rede, que seria a moderação do conteúdo após o usuário efetuar a postagem.

Chegamos assim no filtro mais superficial, que está disposto de forma clara nas regras de uso das redes sociais. As políticas do usuário concentram ali as normas morais da sociedade, garantindo um suposto “bem comum” a todos usuários. Especificamente sobre a nudez na rede e a questão dos seios femininos, traçamos um panorama durante o capítulo 4 sobre os atravessamentos simbólicos que sujeitam os corpos. Tais atravessamentos serão refletidos nas morais sociais que regem as leis online e offline.

A partir do experimento realizado no Instagram, podemos perceber que a censura também está sendo aplicada de maneira cada vez mais modular. Se o regime disciplinar era aplicado como aparelho estatal, aqui parece que a nova ordem é do capital e seu regime é modular e pós-estrutural. Qualquer resultado absoluto sobre as agências da rede é ultrapassado, pois é um regime de alta adaptação. Portanto, os dados aqui expressos no

recolhimento de fotos da busca pela *hashtag* e no experimento nas redes, no momento da publicação dessa monografia, podem ter sofrido inúmeras mutações. Porém, esse trabalho é um aporte para pensarmos essa estrutura modular das redes e como elas afetam nossas vidas.

Uma das contribuições deste trabalho para pensar as redes e sua censura foi descobrir a tática da censura em blocos, eliminando todas as imagens da página de busca pela *hashtag* “Free the Nipple”. A partir disso foi possível analisar que o grande fluxo é também uma das maiores potências para quebrar a barreira da censura. Sem esse grande fluxo, provavelmente nenhuma das imagens coletadas no subcapítulo 2.2 teriam sido encontradas. O movimento parece ter conquistado tamanha popularidade que conseguiu ultrapassar a censura em velocidade na maior parte do tempo (tendo em vista as buscas do período de janeiro, das quais não tinham nenhum resultado), dispondo imagens na página de busca da *hashtag* mesmo quando o Instagram já anunciava que todas imagens ali associadas seriam deletadas.

Parece urgente em nossa sociedade a quebra de barreiras dessa censura. Em tempos de bolhas algorítmicas e censuras maquínicas, o contato com o diferente de si parece cada vez mais ausente. A censura como componente anterior a exposição e não como reação a ela nos parece ainda mais perigoso, pois interrompe o debate antes mesmo de alguém ser afetado por ele. Este trabalho, por exemplo, só se fez a partir do contato com as imagens que conseguimos acessar antes de serem censuradas e provavelmente não estaria aqui materializado se essas imagens não passassem pelo primeiro crivo das redes sociais. Se Mark Zuckerberg (2018) atingir o objetivo de fortalecer o monitoramento das redes sociais através da Inteligência Artificial, como prometeu ao congresso americano, é possível que a dificuldade para desvendar as estruturas das redes e furar seus bloqueios seja acentuada.

Cabe ressaltar que, além de todos os fatores que sujeitam nossos corpos, dos quais retratamos alguns aqui neste trabalho, a própria censura produz também significados. Seu crivo não age somente identificando, mas ele também resulta em atribuir valores aos corpos. Portanto, ao identificar os seios femininos em uma foto, ela está determinando como eles devem parecer.

Em uma época de constantes confrontos e manifestações virtuais, movimentos como “Free the Nipple” tem sua importância no constante tensionamento dessas modulações. Eles não só se utilizam da plataforma para expor sua ideologia, mas também questionam a própria plataforma, nos mostrando que a censura não vem só dos olhares que denunciam as publicações, mas do próprio sistema. E antes do sistema de computadores, ela vem do sistema que agencia todos nossos corpos, da cultura, da ciência assim como das máquinas.

Nossa liberdade não consiste na concretização das imagens postadas na rede, pois estas passam pelo crivo da programação do sistema (seus enquadramentos, suas possibilidades) além do crivo da censura. Mas sim no próprio processo, no jogo com os códigos, nas tentativas e experiências que podem ou não se materializar em postagens. Esse processo é parte potente, não só nesse trabalho, como em todos os campos de crítica, análise e contestação. Cabe aqui uma retomada dos pensamentos de Joan Scott (1995) sobre os próprios processos de subjetivação do homem, na qual vai refletir que, no meio de todas as estruturas que sujeitam os corpos há uma agência do sujeito, na intenção de estabelecer sua própria identidade, suas relações em sociedade, dentro dos limites desse sistema. É nesse processo que há possibilidades de resistir e permitir-se “o jogo da invenção metafórica e da imaginação” (SCOTT, 1995, p.86).

Podemos fazer uma relação com o jogo de que fala Nicholson (2000). O tensionamento ao tentar estabelecer uma categoria “mulher” é de onde emerge potência para sua constante reflexão e atualização. O processo não seria mais um progresso com a finalidade de se fechar em uma categoria rígida, mas o próprio processo seria o fim, com a intenção de fazer da categoria um círculo de fronteiras maleáveis. Quanto mais fechados de significados os movimentos se aproximam, mais tendem a cair em categorias fundamentalistas novamente e por consequência voltar a excluir parcelas de pessoas. Se o esforço é por desconstruir esses padrões normativos, devemos também fazer o esforço para não gerar novos.

O movimento “Free the Nipple”, portanto, pode reivindicar uma liberação do *topless* feminino através da sua expansão de significados, e não em sua limitação como órgão natural aos corpos femininos. Em referência ao título dessa monografia, podemos dizer que esses movimentos ajudam a recodificar o sexo, pois tem potência para desconstruir seus significados, explicitando os mecanismos pelos quais ele é construído e que falamos ao longo do capítulo 4. Além disso, ao questionar os padrões do sexo, eles abrem seus sentidos a outras possibilidades.



## REFERÊNCIAS:

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. Em LOURO, Guacira Lopes (org). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, vol. 1, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

FACEBOOK. 2018a. Disponível em: <<https://www.facebook.com/>> Acesso em: 13/04/2018

FACEBOOK. **Padrões da comunidade**. 2018b. Disponível em: <[https://www.facebook.com/communitystandards/objectionable\\_content/adult\\_nudity\\_sexual\\_activity](https://www.facebook.com/communitystandards/objectionable_content/adult_nudity_sexual_activity)> Acesso em: 03/05/2018

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011

FREE THE NIPPLE. 2018. Disponível em: <<http://freethenipple.com/>> Acesso em: 04/04/2018

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta** – ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Editora Hucitec, 1985. Disponível em: <[http://www.iphi.org.br/sites/filosofia\\_brasil/Vil%C3%A9m\\_Flusser\\_-\\_Filosofia\\_da\\_Caixa\\_Preta.pdf](http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Vil%C3%A9m_Flusser_-_Filosofia_da_Caixa_Preta.pdf)>

INSTAGRAM. **Central de ajuda**. 2018a. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/help/instagram/>> Acesso em: 13/04/2018

INSTAGRAM. **Diretrizes da comunidade**. 2018b. Disponível em: <[https://help.instagram.com/477434105621119/?helpref=hc\\_fnav&bc\[0\]=Ajuda%20do%20Instagram&bc\[1\]=Central%20de%20privacidade%20e%20seguran%C3%A7a/](https://help.instagram.com/477434105621119/?helpref=hc_fnav&bc[0]=Ajuda%20do%20Instagram&bc[1]=Central%20de%20privacidade%20e%20seguran%C3%A7a/)> Acesso em: 13/04/2018

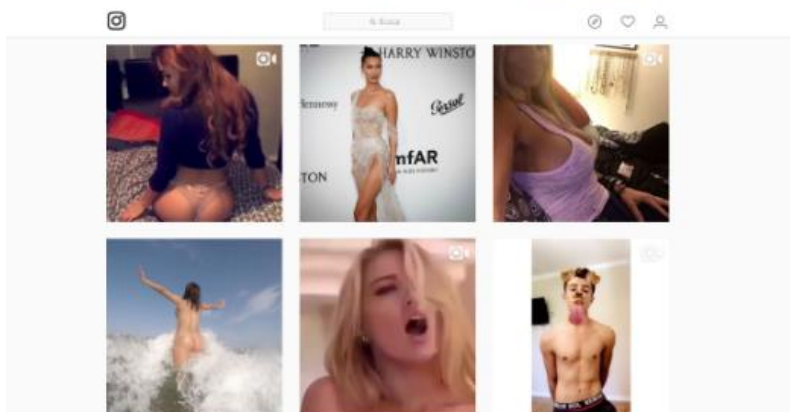
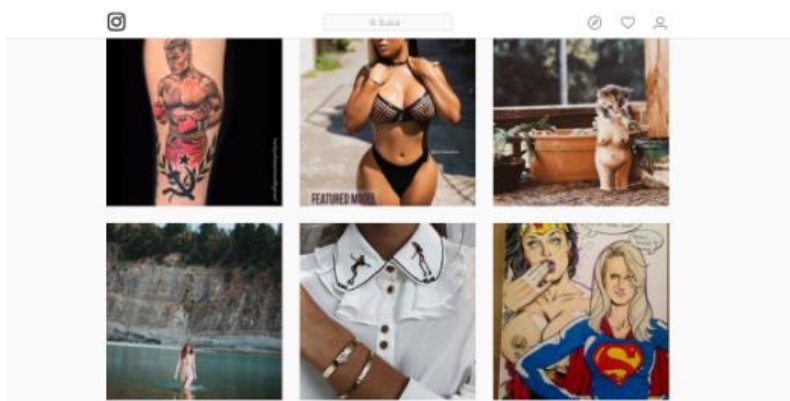
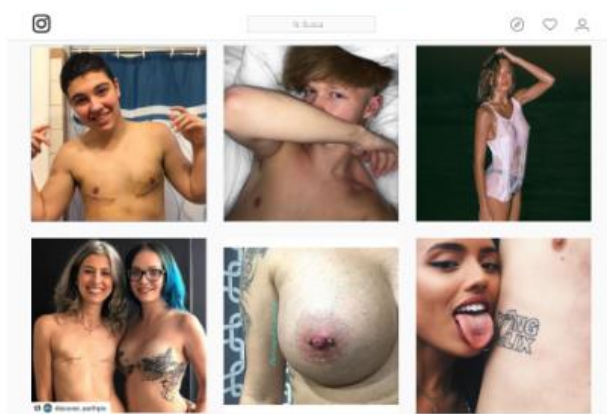
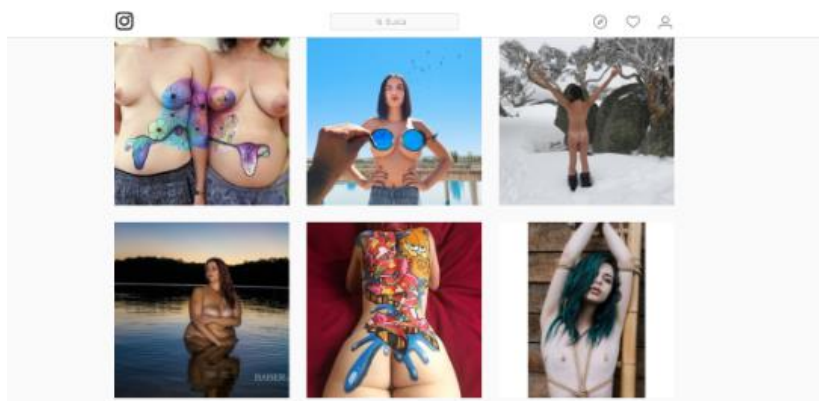
- LAURETIS, Tereza de. **A tecnologia do gênero**. Indiana University Press, 1987.  
Disponível: <<http://pt.scribd.com/doc/81873993/A-Tecnologia-do-Genero-Teresa-de-Lauretis>>
- LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo; Helsinque: n-1 Edições; Edições Sesc São Paulo, 213p., 2014
- LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação**. Revista Estudos Feministas, jun./dez, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. **Cinema & Sexualidade**. Educação & Realidade, v.33, n. 1, p. 81-98, jan./jun. 2008.
- NICHOLSON, Linda. **Interpretando o Gênero**. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 2, Florianópolis, Brasil. 2000
- PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo, n-1 edições, 2017
- PRECIADO, B. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”**. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(1): 312, jan.-abr. 2011
- SALAS, Javier. Se está na cozinha, é uma mulher: como os algoritmos reforçam preconceitos. **El País**, 23 set 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/ciencia/1505818015\\_847097.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/ciencia/1505818015_847097.html)>. Acesso em 15/04/2018
- SANDRE-PEREIRA, Gilza. **Amamentação e sexualidade**. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 11, n. 2, Dec. 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200007>>. Acesso em: 08/05/2018
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995: 71-100
- SENRA, Ricardo. ‘Checava se alguém se mataria ao vivo’: a rotina do brasileiro que moderava posts denunciados no Facebook. **BBC**, 8 nov 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-41912670>>. Acesso em 15/04/2018
- SIBILIA, Paula. **O que é obsceno na nudez? Entre a Virgem medieval e as silhuetas contemporâneas**. FAMECOS, vol. 21, nº 1, pp.24-55, jan.-abr. 2014.

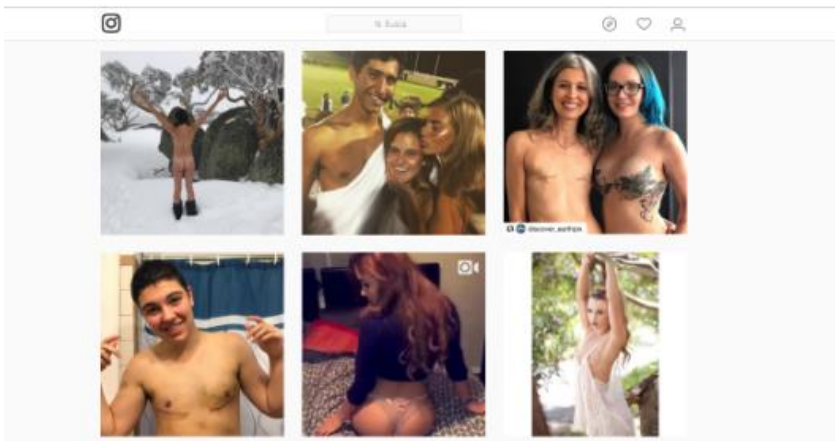
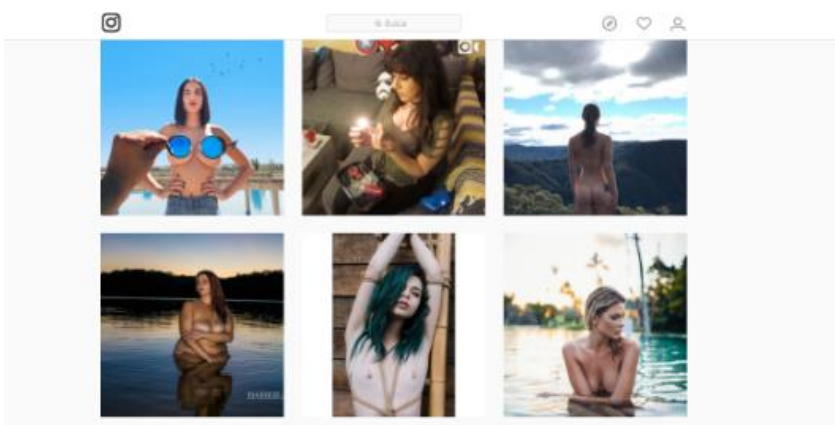
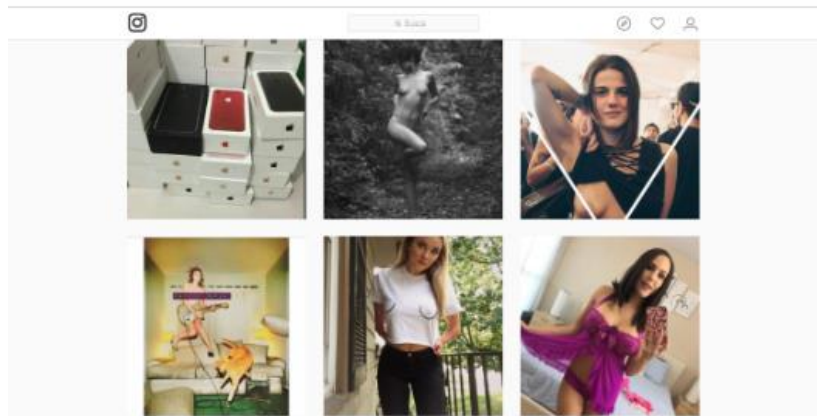
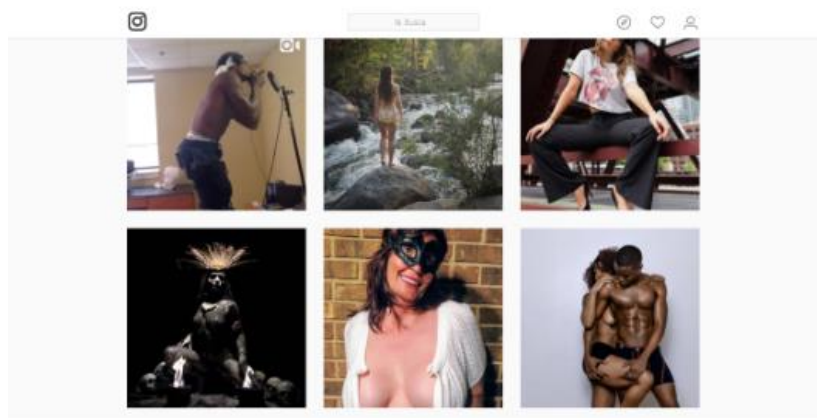
TUFEKCI, Zeynep. **Twitter and Tear Gas: The Power and Fragility of Networked Protest**. Yale University Press: New Haven and London, 2017.

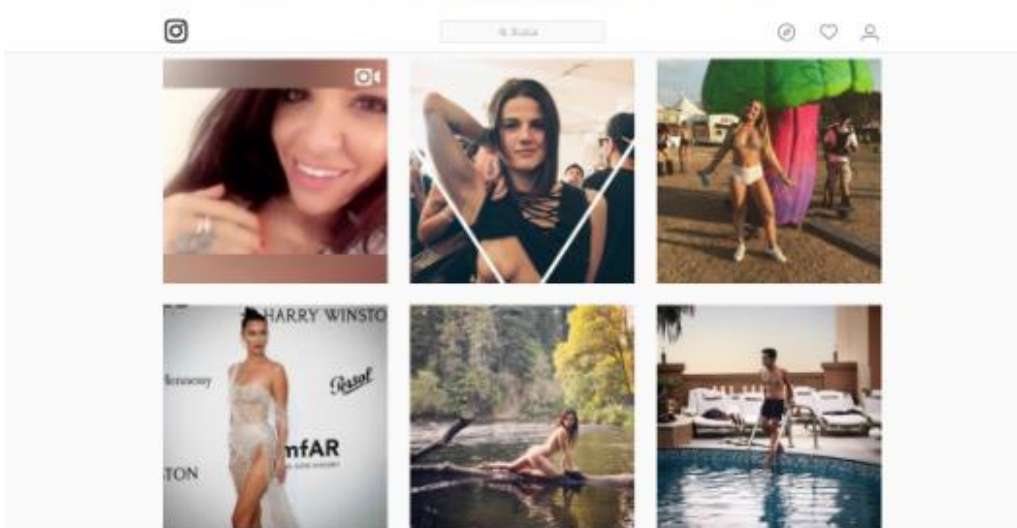
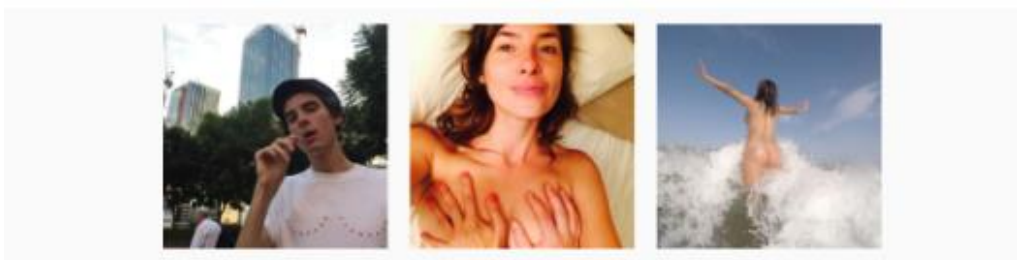
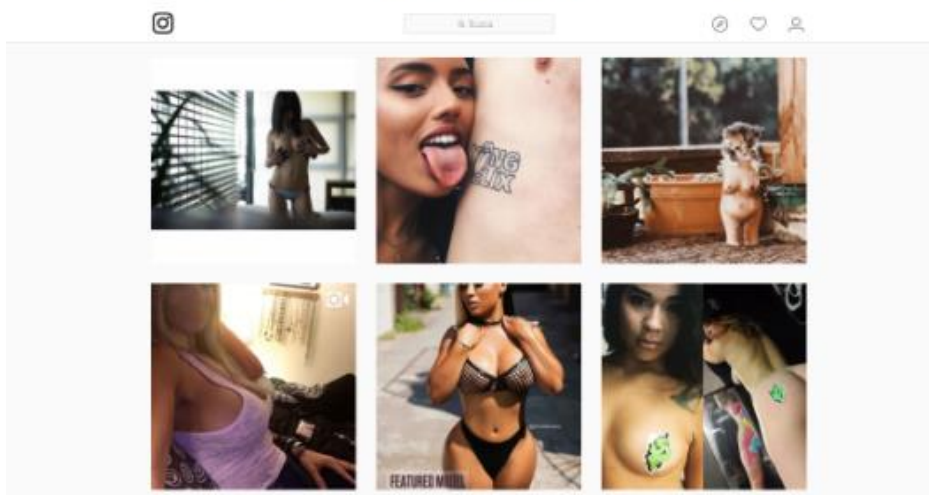
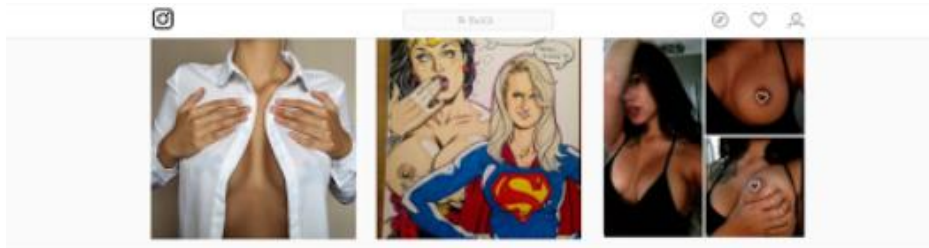
WEST, Sarah Myers. **Raging Against the Machine: Network Gatekeeping and Collective Action on Social Media Platforms**. *Media and Communication* (ISSN: 2183–2439) 2017, Volume 5, Issue 3, Pages 28–36

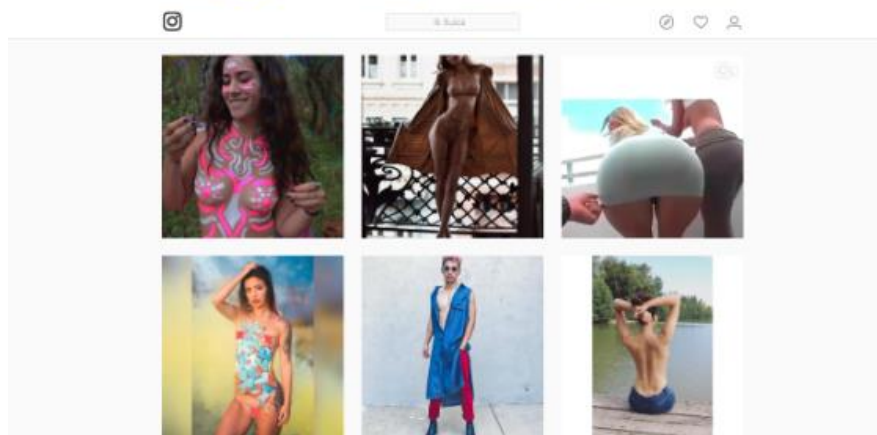
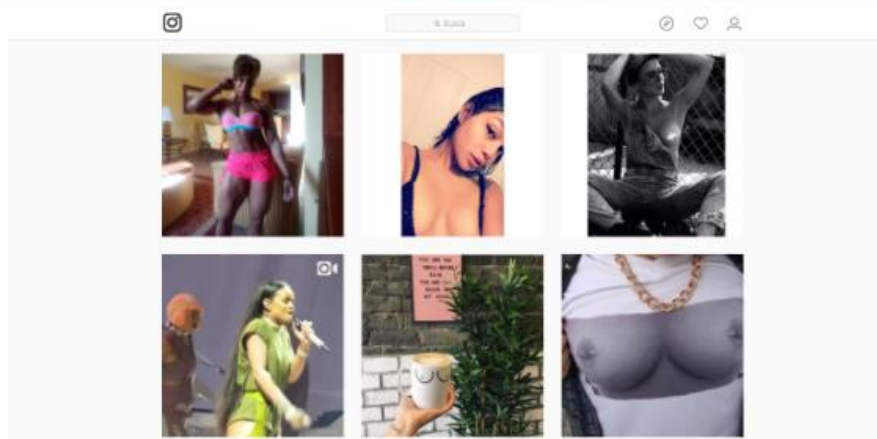
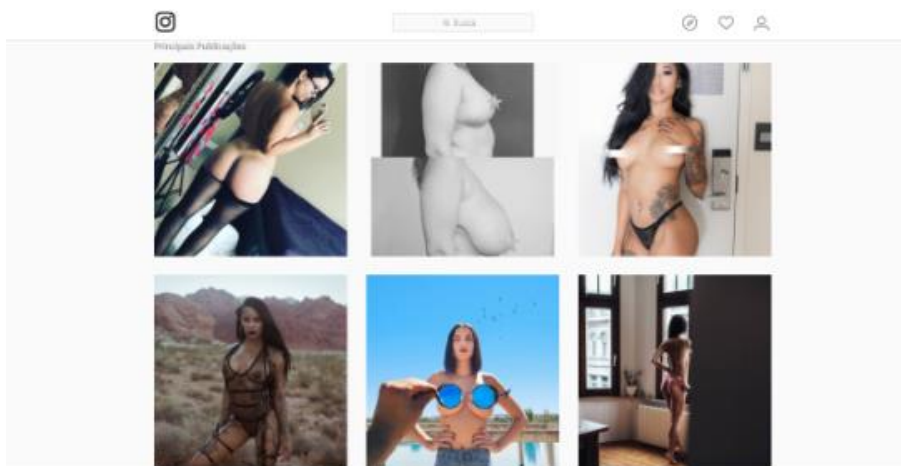
ZUCKERBERG, Mark. **Mark Zuckerberg testifies before Congress**. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Vox/videos/872660272921576/>> Acesso em 10/04/2018

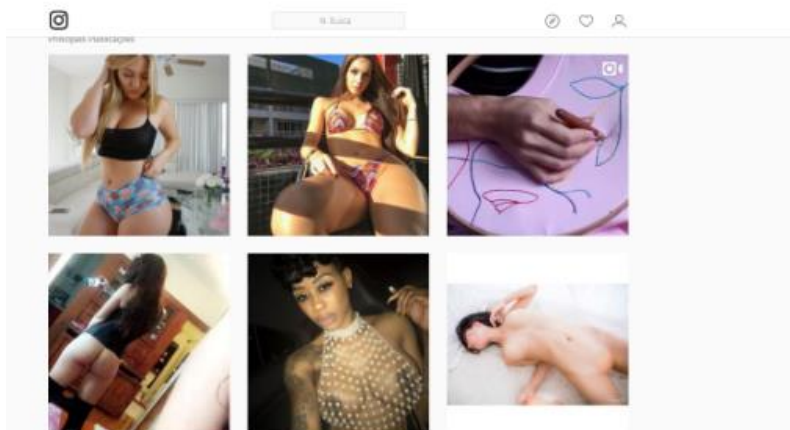
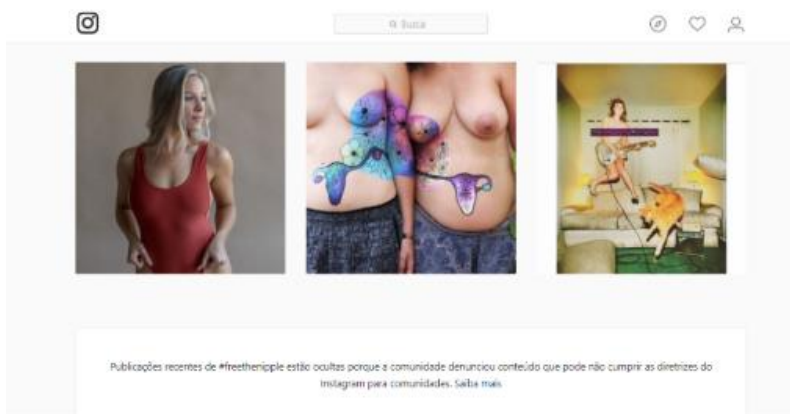
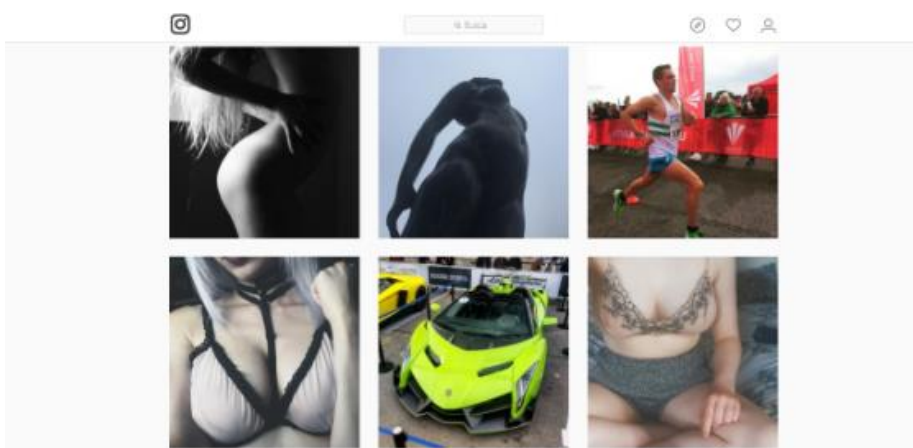
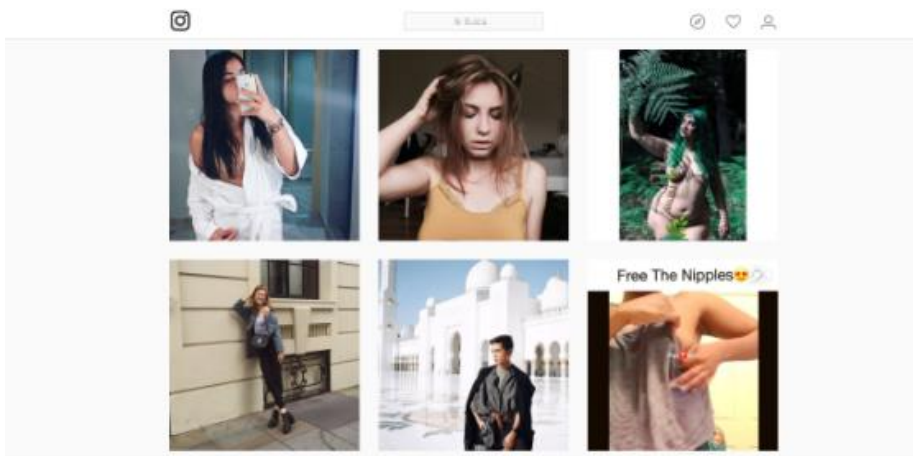
### ANEXO – IMAGENS COLETADAS NA HASHTAG



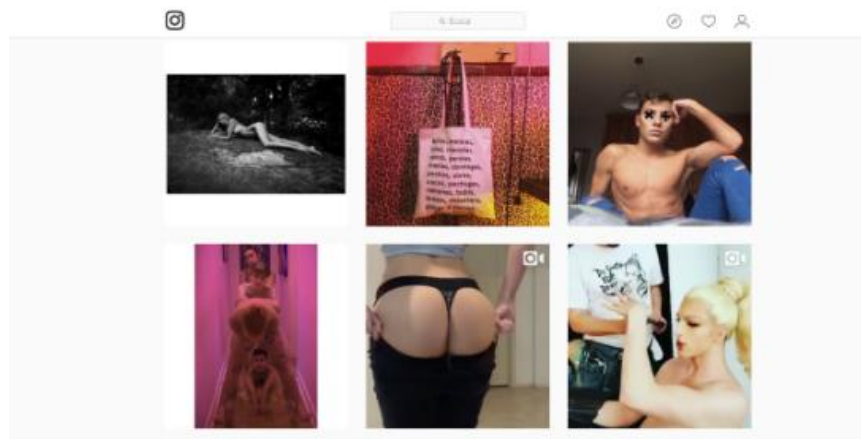
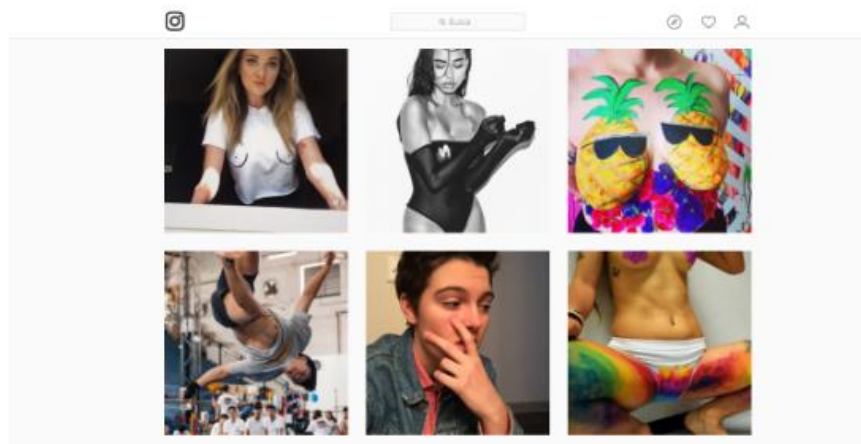
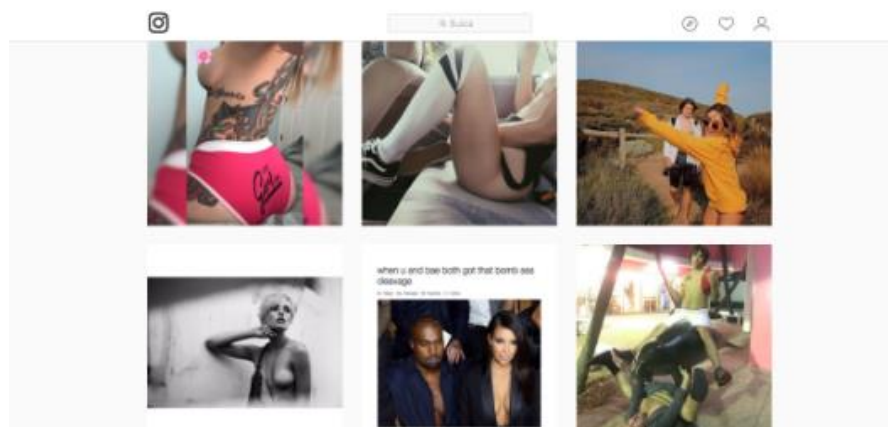
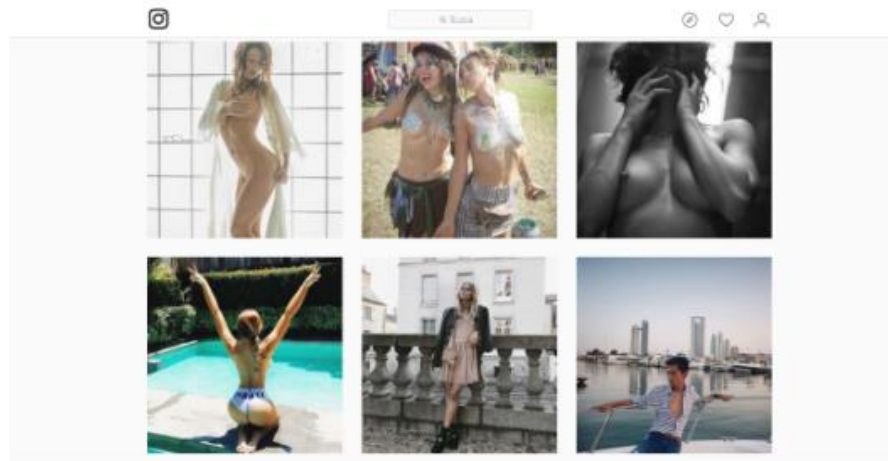


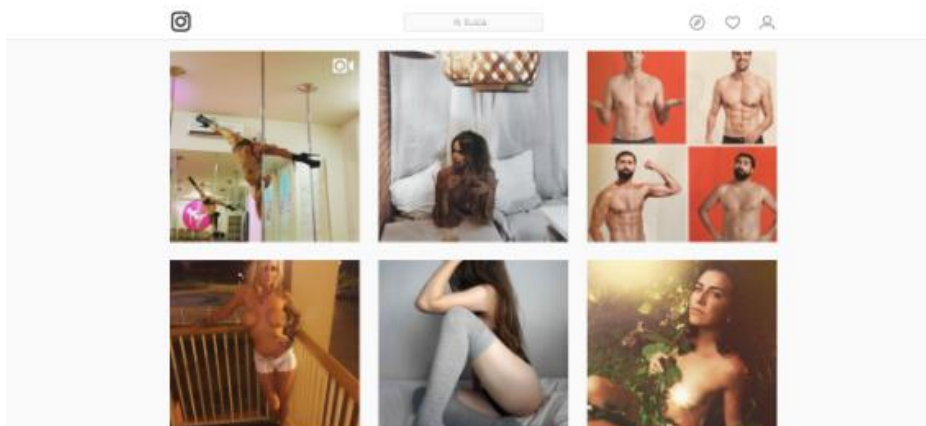
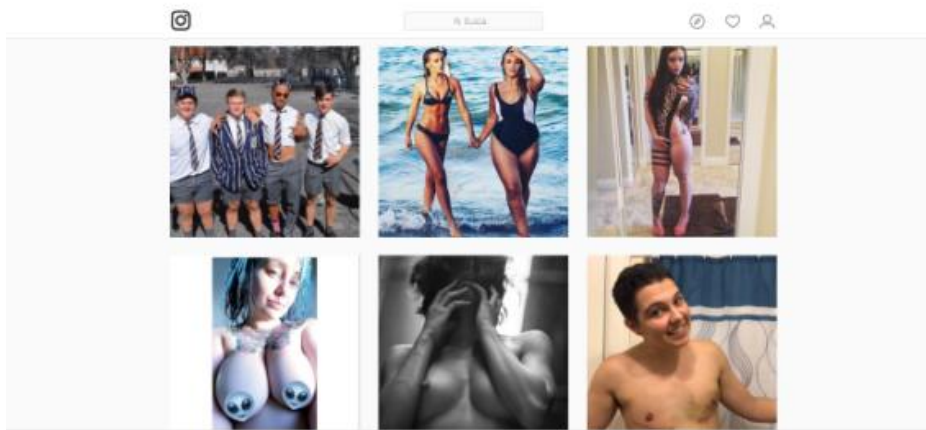
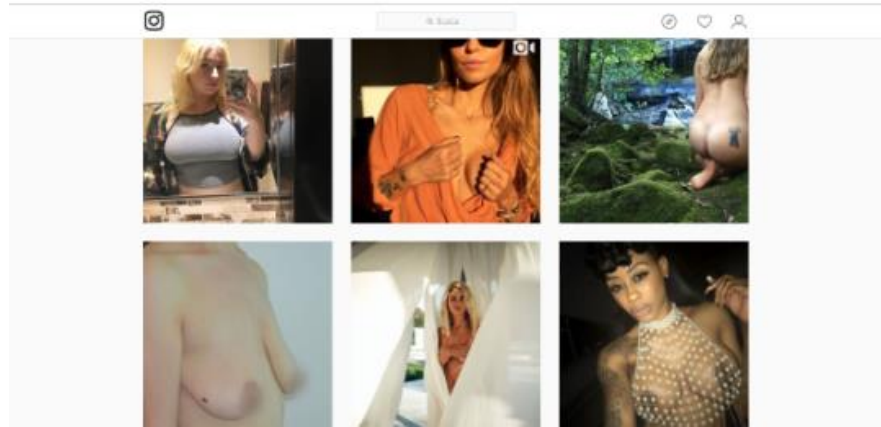
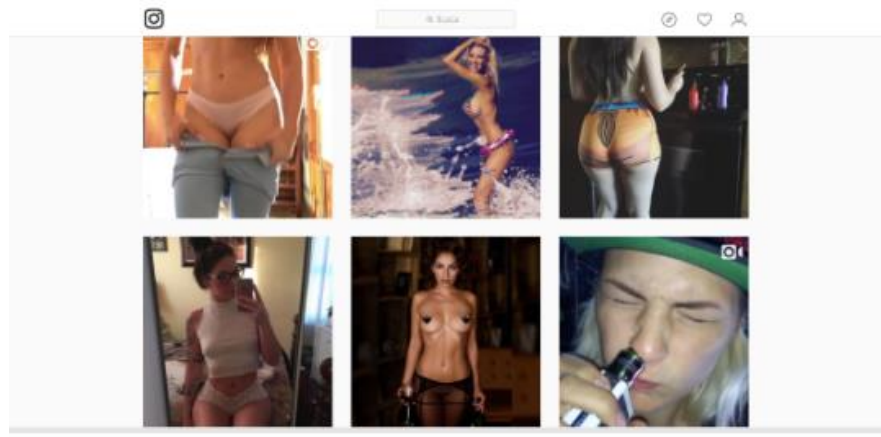


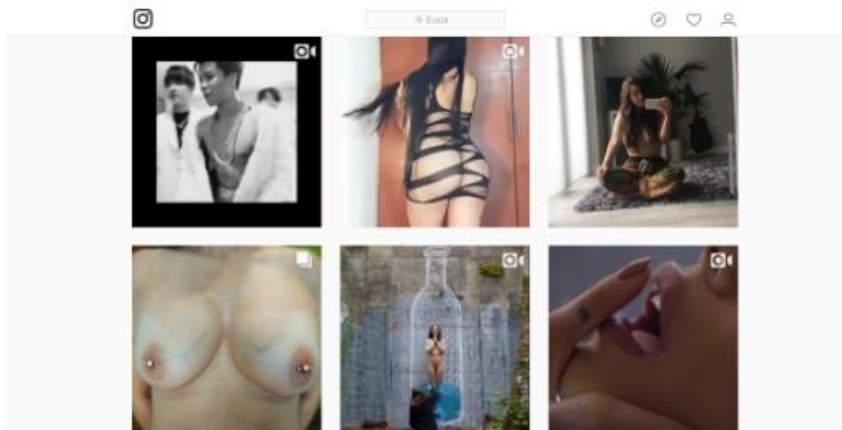
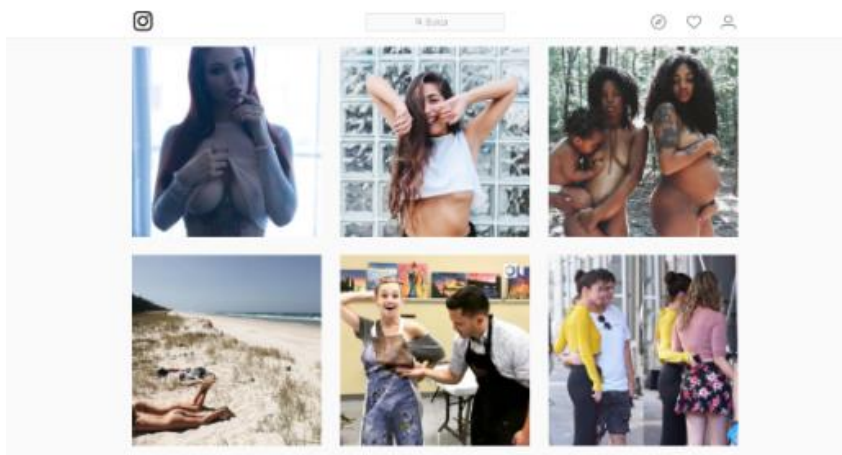
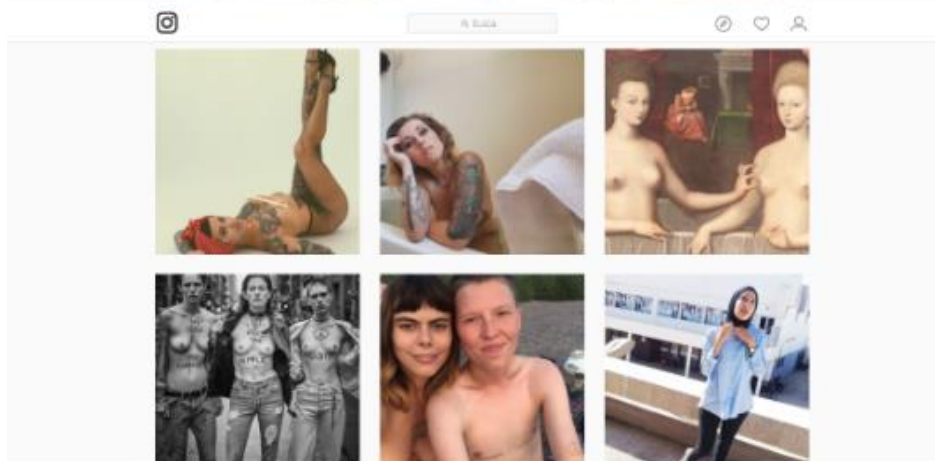
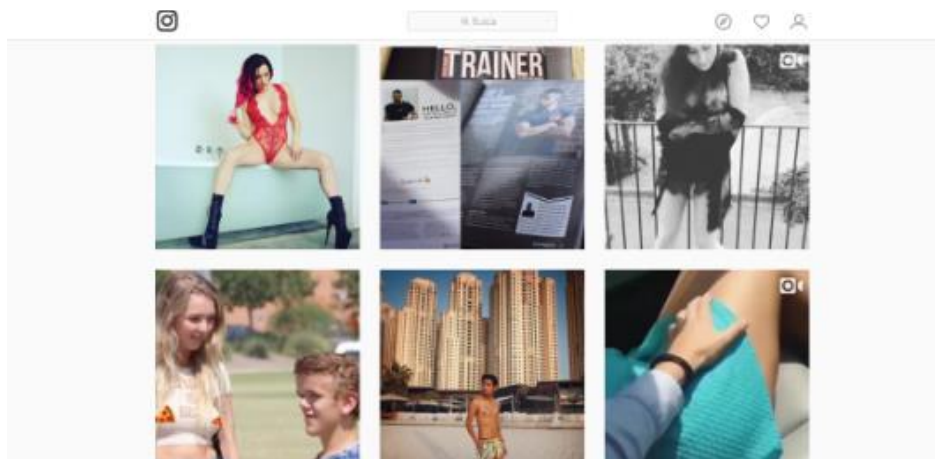


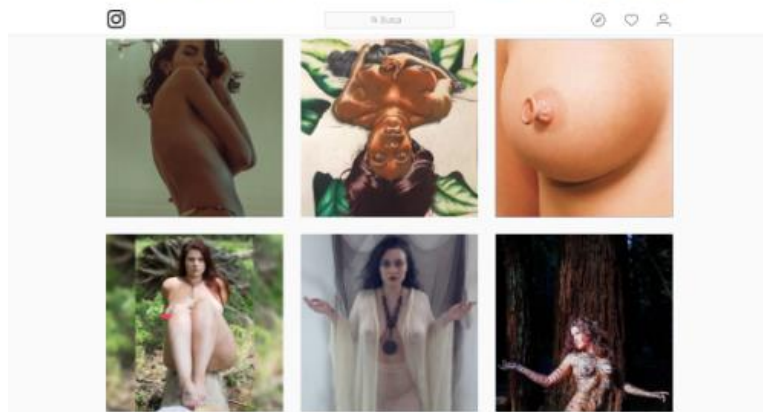
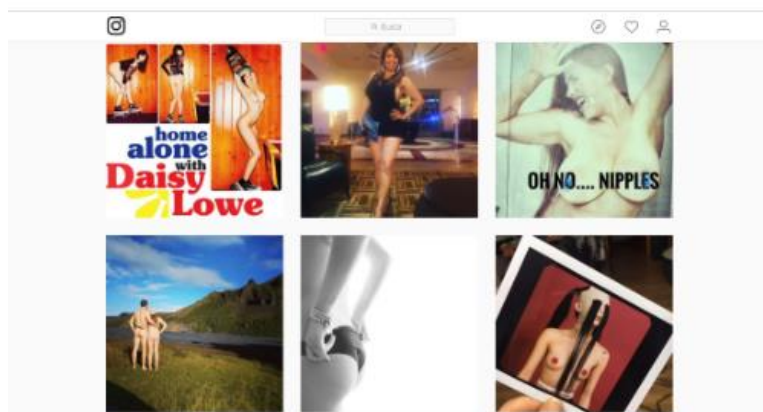
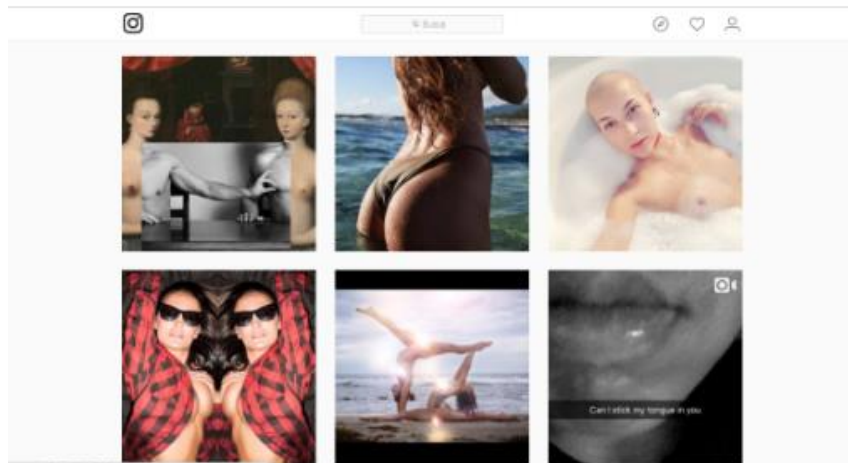
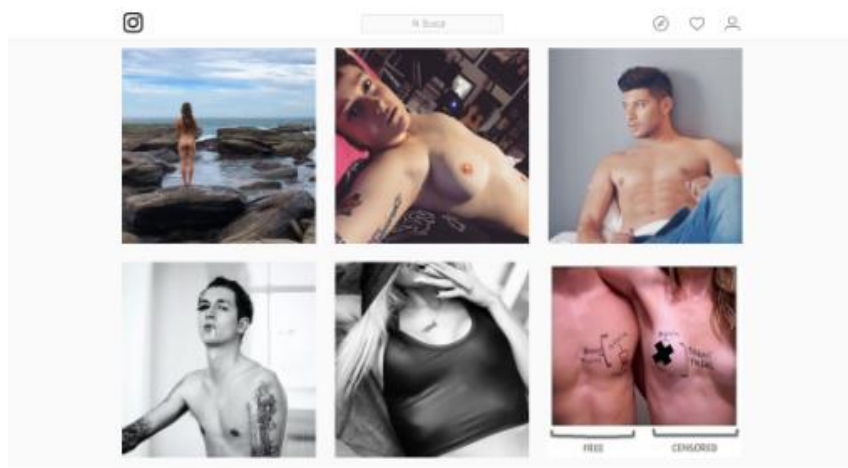


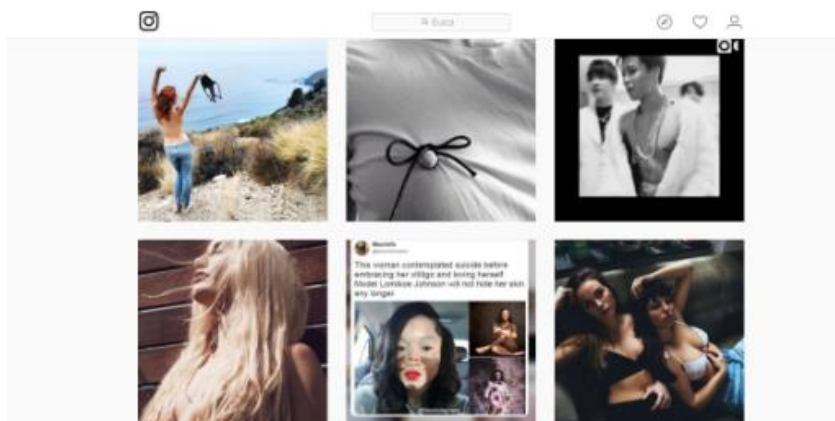
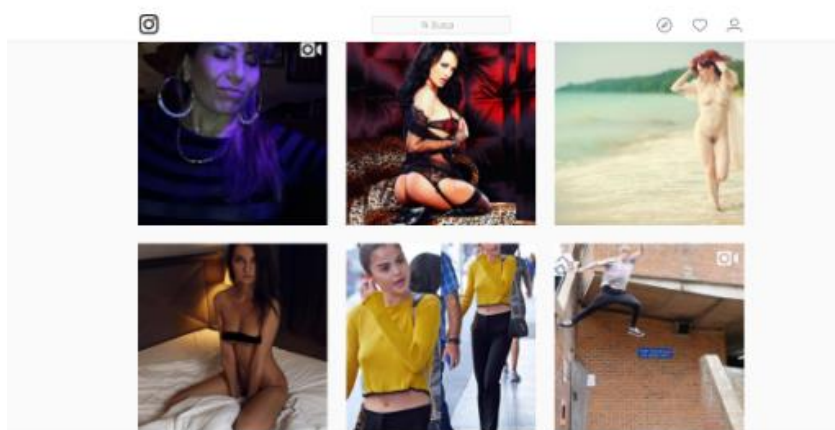
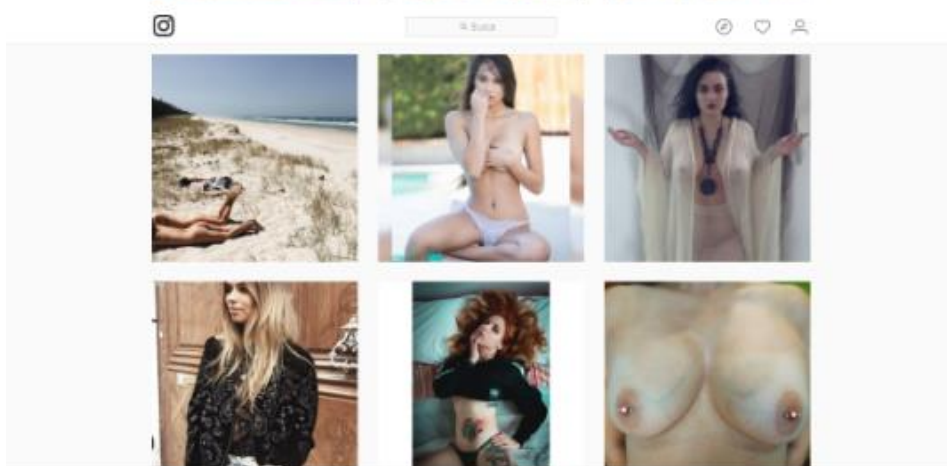
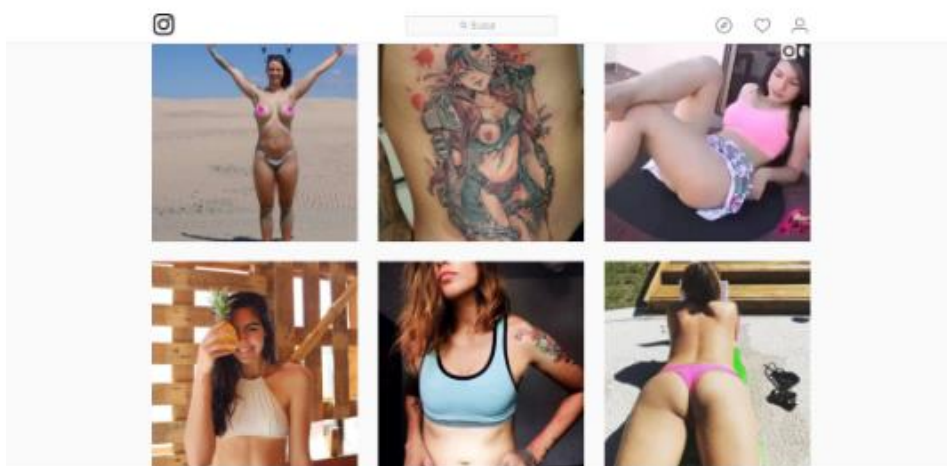


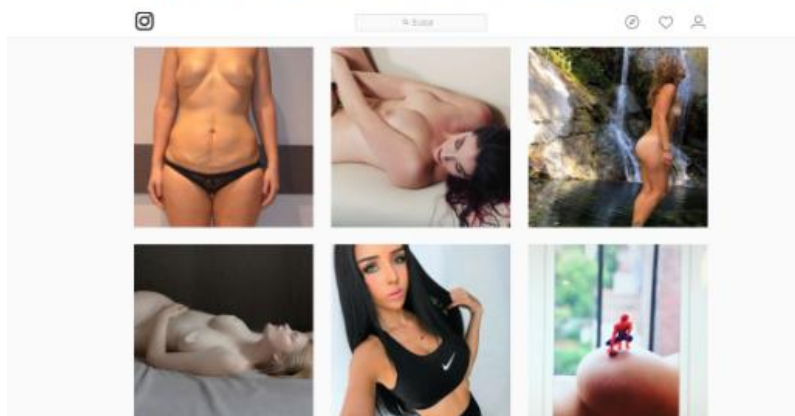
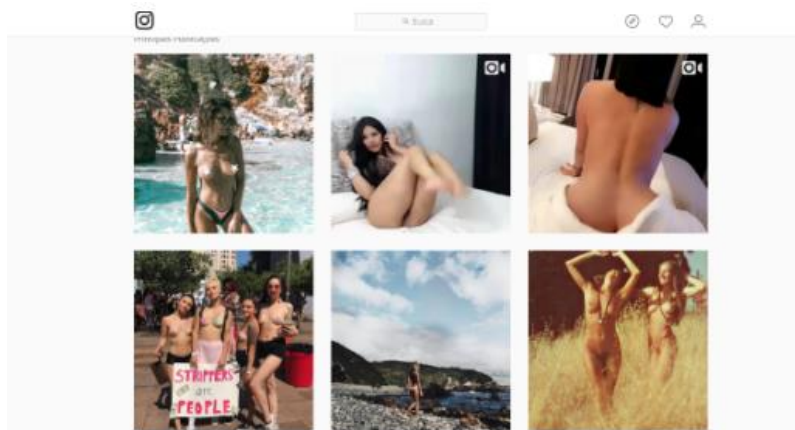
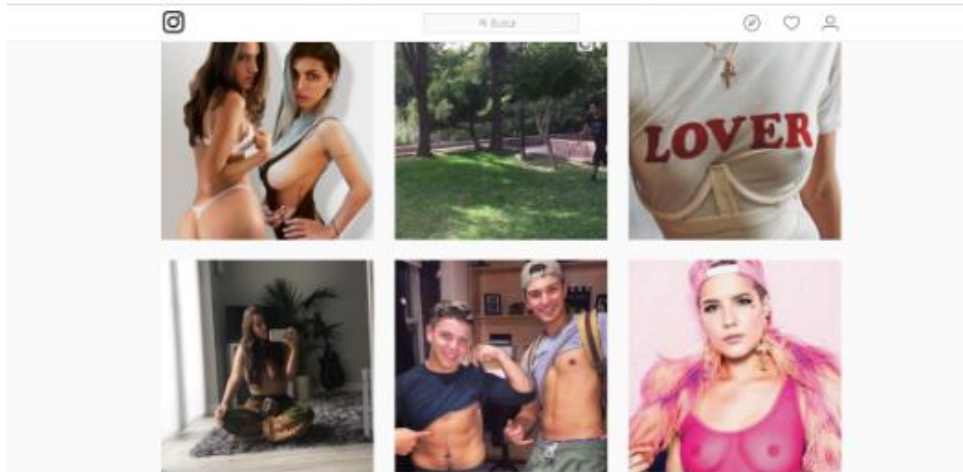
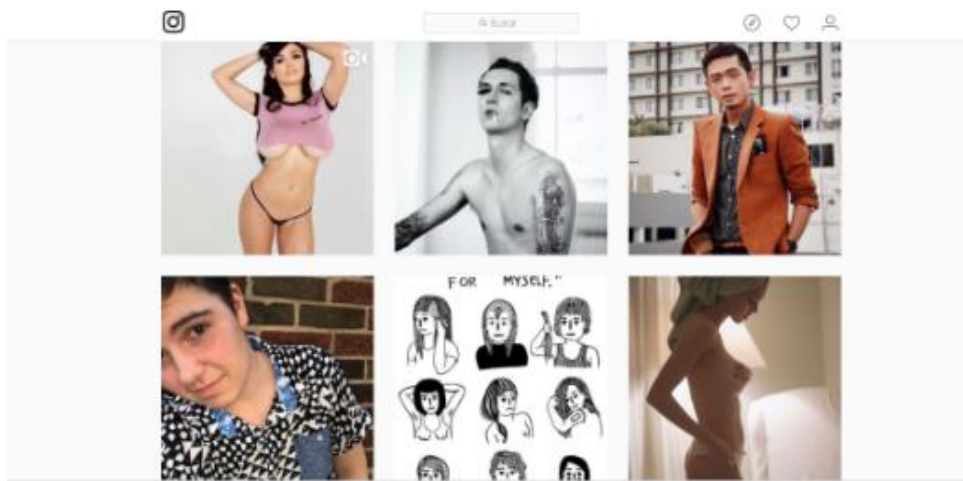


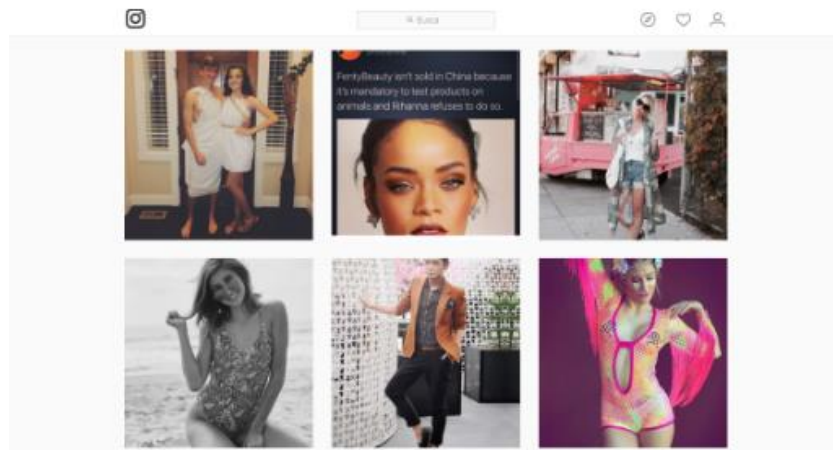
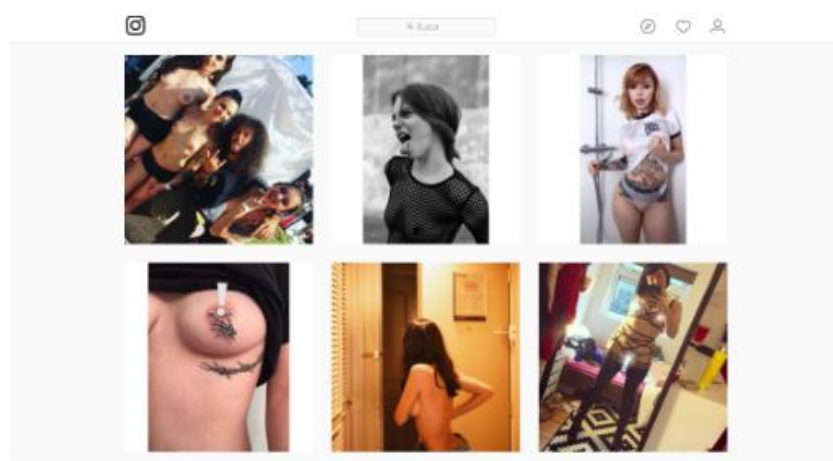
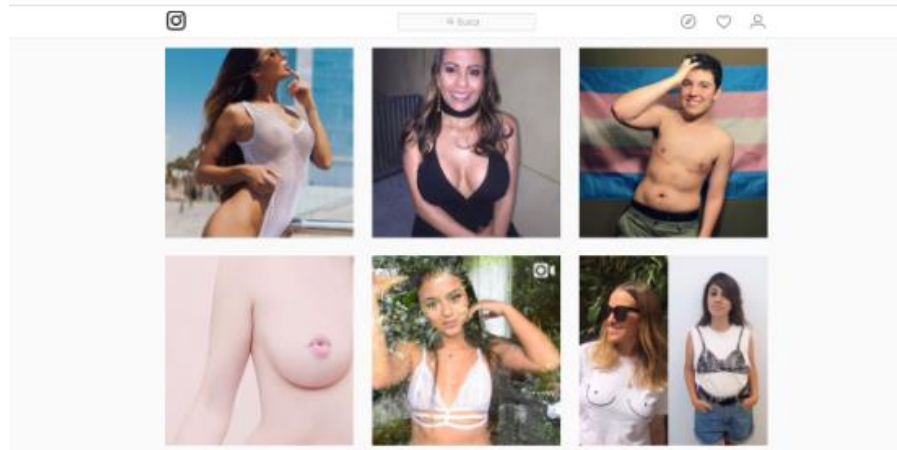
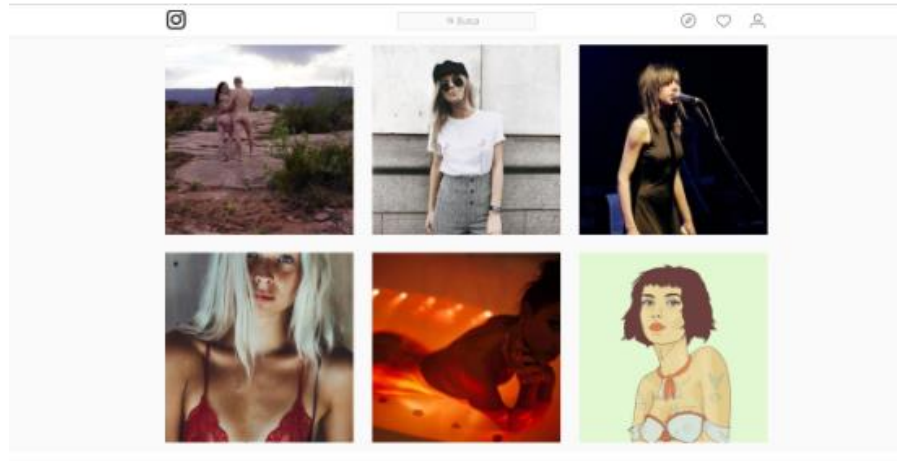


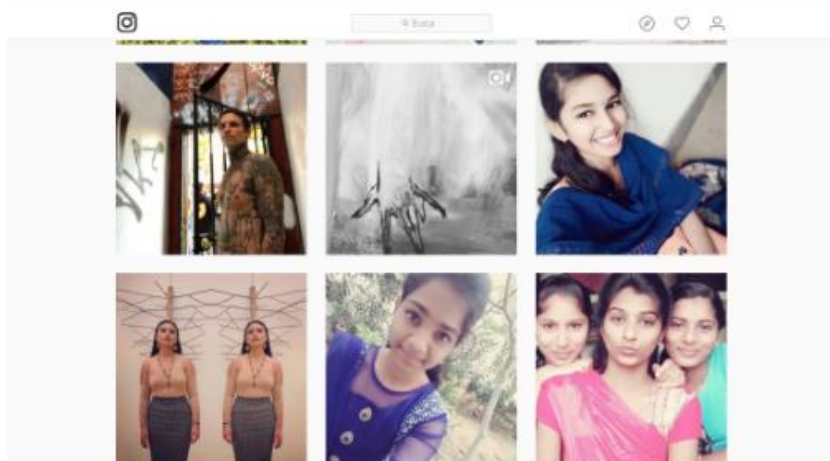
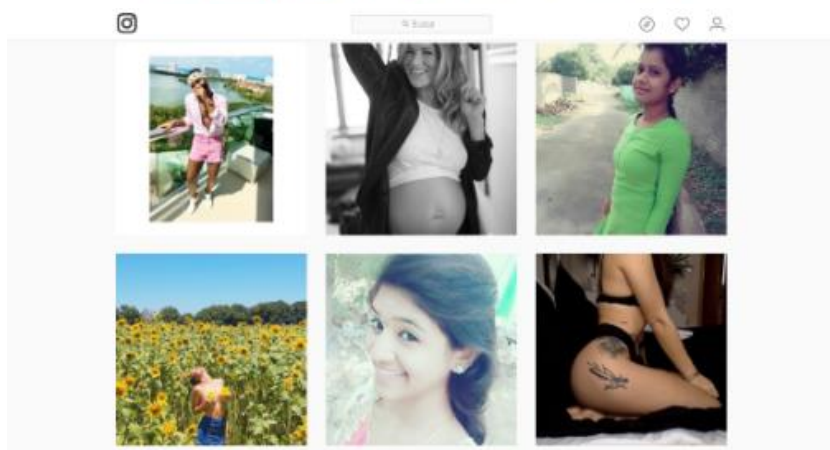
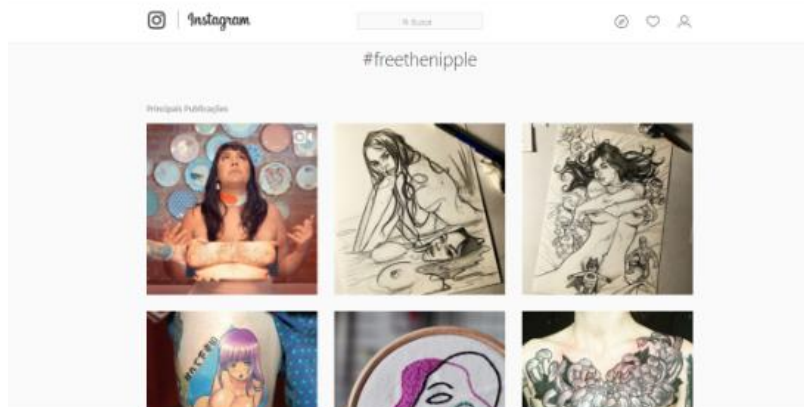




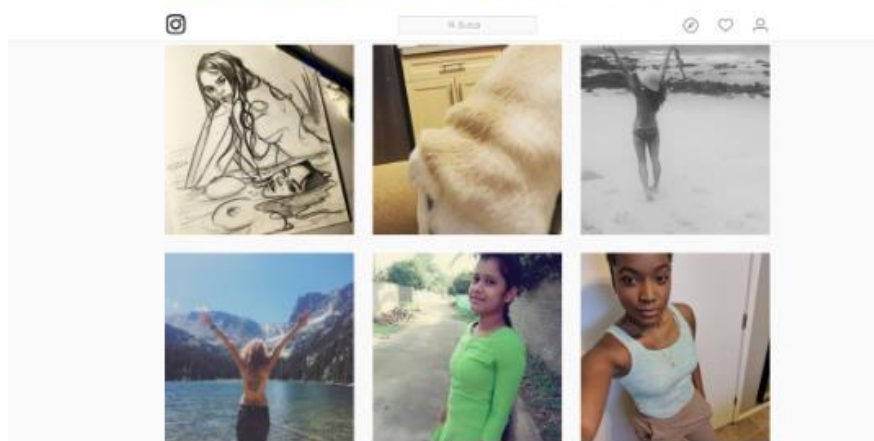
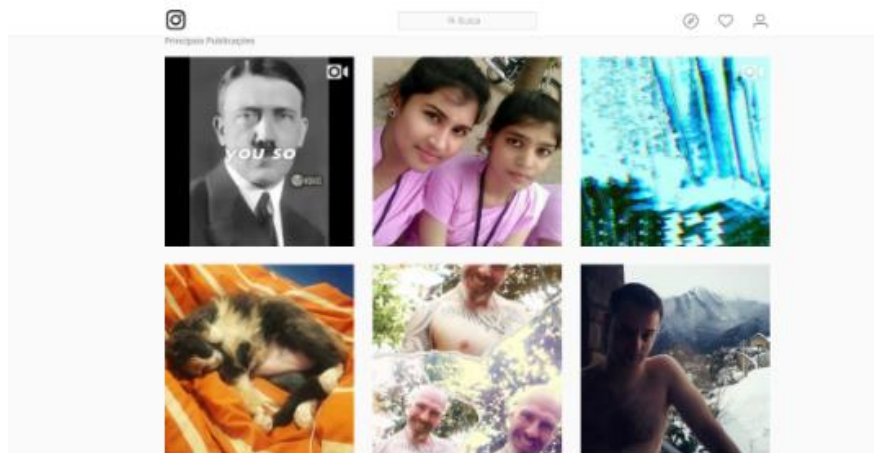
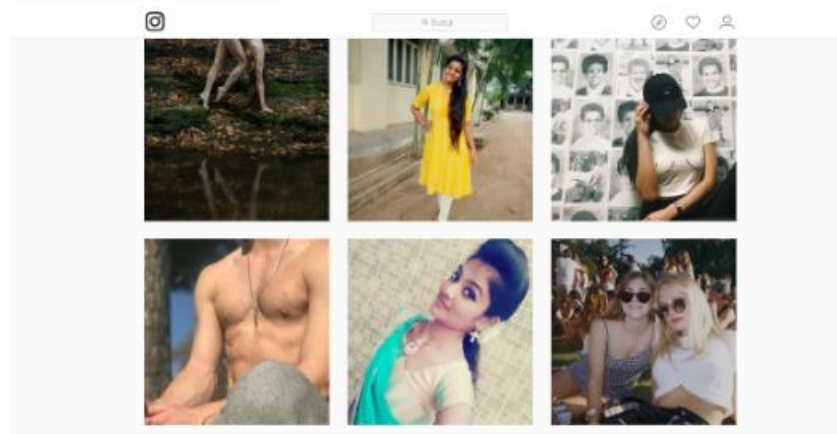
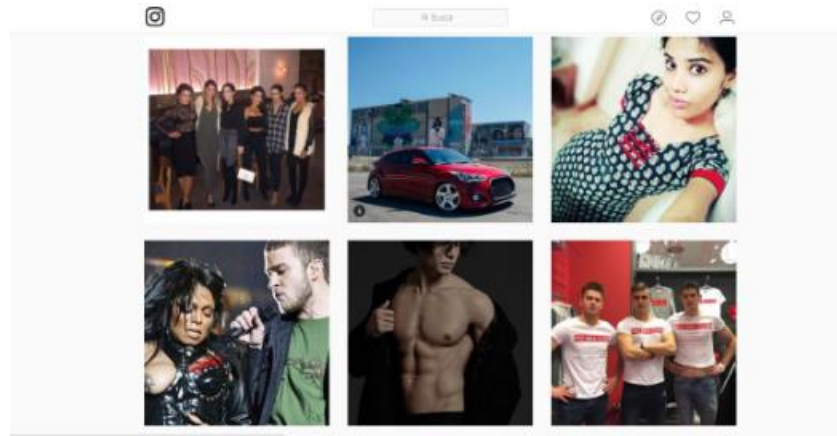


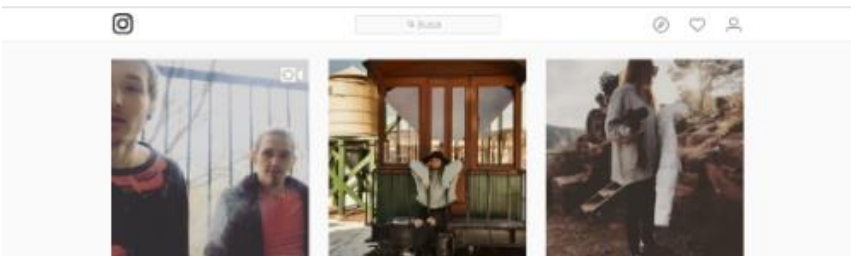
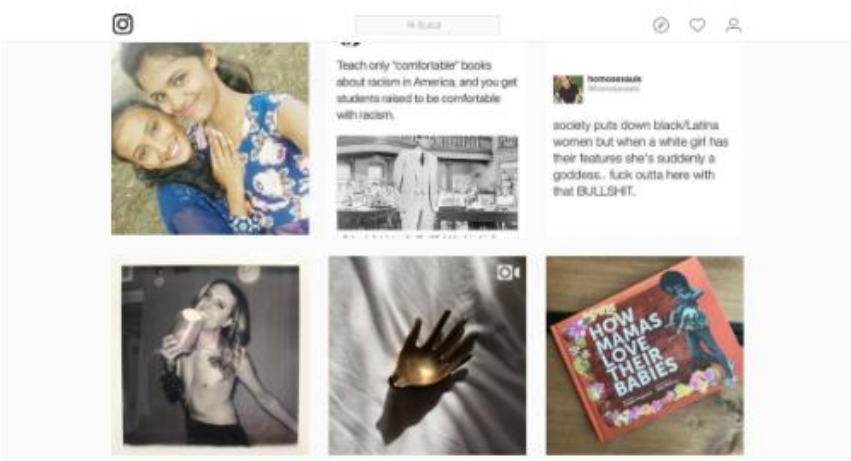
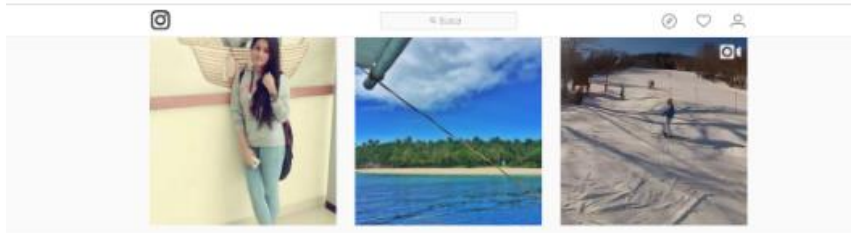
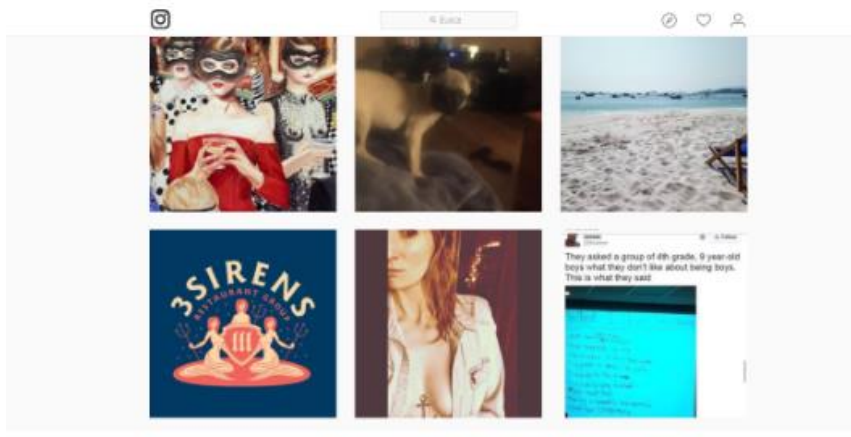












Publicações recentes de #FreeThe nipple estão ocultas porque a comunidade denunciou conteúdo que pode não cumprir as diretrizes do Instagram para comunidades. Saiba mais.